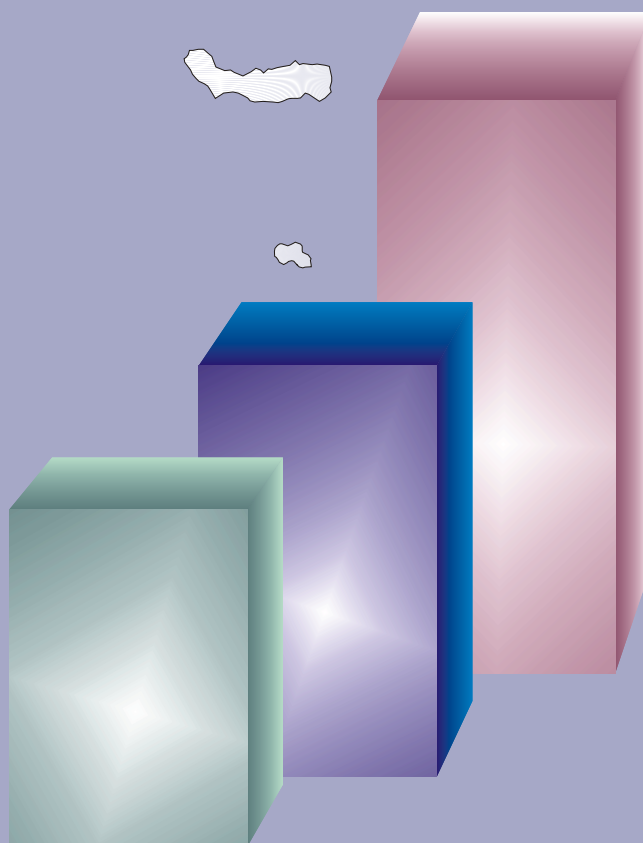
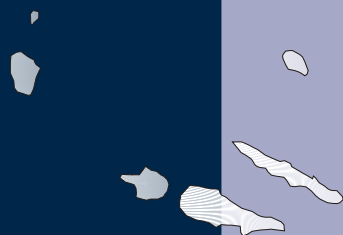




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
Vice-Presidência do Governo  
Secretário Regional Adjunto do Vice-Presidente  
Direcção Regional de Estudos e Planeamento

# Situação Socioeconómica 2006



Dezembro

14/2007







## ÍNDICE

	Pág.
Introdução.....	5
0. Contas Regionais .....	7
1. População.....	11
2. Mercado de Trabalho .....	15
3. Preços.....	19
4. Moeda e Crédito .....	23
5. Finanças Públicas.....	27
6. Agricultura .....	33
7. Pescas .....	37
8. Energia .....	41
9. Comércio com o Estrangeiro .....	43
10. Turismo.....	45
11. Transportes .....	49
12. Educação.....	53
13. Desporto .....	57
14. Cultura .....	61
15. Saúde .....	63
16. Segurança Social .....	67
17. Sociedade da Informação .....	71



## INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:  
[www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/sravp-drepa](http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/sravp-drepa)

DREPA, Dezembro de 2007





## 0. CONTAS REGIONAIS

Aquando da elaboração do documento anterior, os dados da série sobre as Contas Regionais fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística eram definitivos para o período de 2000 a 2003, mas preliminares para o ano de 2004.

Entretanto, em Julho de 2007, foram divulgados os dados definitivos para todo o período.

Os dados finais confirmam os valores mais globais das variáveis de produção, mas revelam reajustamentos em termos de desagregação sectorial e de emprego, ao mesmo tempo que apresentam, pela primeira vez, elementos sobre a Formação Bruta de Capital Fixo para 2004.

Entre 2000 e 2004, verifica-se um crescimento médio anual do produto superior à média nacional, reforçando-se assim a sua importância relativa no contexto da economia nacional.

### Produto Interno Bruto

a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

	2000	2001	2002	2003	2004
1. Açores.....	2 274	2 488	2 666	2 785	2 887
2. País.....	122 270	129 308	135 434	138 582	144 128
% (1/2) .....	1,86	1,92	1,97	2,01	2,00
PIB per capita (mil euros/hab.) .....	9,6	10,5	11,2	11,6	12,0
PIB per capita (Portugal=100) .....	80	84	86	88	88

Fonte: INE, Contas Regionais 2000-2004 (base 2000).

O PIB per capita é o indicador mais utilizado para aferição do nível de desenvolvimento das regiões e dos estados. Tomando esta série de cinco anos (2000-2004) observa-se que, durante este período, os Açores passaram de região com menor nível de desenvolvimento no quadro das regiões portuguesas, para uma situação intermédia, apresentando em

2004 um valor de capitação do produto de cerca de 88% da média nacional (em 2000 essa relação era de 80%).

A evolução da repartição do Valor Acrescentado Bruto pelos grandes sectores de actividade económica, também no mesmo período de 2000 a 2004, mostra que as alterações inter-sectoriais mais significativas ocorrem entre as actividades do sector primário e as do sector de serviços.

### VAB - Desagregação Sectorial

Actividades	Unid.: %				
	2000	2001	2002	2003	2004
Agricultura, Silvicultura e Pescas.....	13,6	12,4	12,0	11,5	12,9
Indústria, Const., Energia e Água ....	15,9	16,5	16,8	16,4	16,8
Serviços.....	70,5	71,1	71,2	72,1	70,3

Fonte: INE, Contas Regionais 2000-2004 (base 2000).

No que concerne à produtividade do factor trabalho, tomando por medida a divisão do valor do produto interno bruto pelo emprego, os dados fornecidos pelo INE evidenciam uma posição favorável da Região no contexto nacional. As características da produção primária nos Açores, o peso do sector dos serviços, em geral, e do sector público, em particular, e o valor do emprego considerado, poderão explicar os valores da produtividade nos Açores.

### Produtividade (PIB/Emprego)

	2000	2001	2002	2003	2004
1. mil euros / empregado	23,3	25,8	26,5	27,6	28,0
2. Portugal=100.....	96	100	101	102	99

Fonte: INE, Contas Regionais 2000-2004 (base 2000).

Apesar das restrições financeiras que se verificam no contexto nacional, o investimento nos Açores têm-se mantido em bom nível, demonstrando confiança e capacidade dos agentes económicos, sejam privados ou públicos.

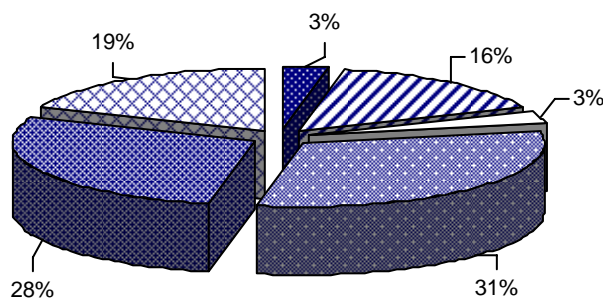
Deste modo, observa-se uma taxa significativa da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) na Região, quando se compara com o observado no contexto nacional.

## FBCF 2000-2004

	2000	2001	2002	2003	2004
Milhões de euros	948	994	1 040	1 167	1 036
Portugal =100	2,9	2,9	3,1	3,7	3,2

Na desagregação da formação bruta de capital fixo por actividades, observa-se a predominância do investimento no sector terciário e também um esforço das autoridades regionais na oferta de infra-estruturas e equipamentos de natureza social e de apoio à actividade produtiva.

## Distribuição da FBCF por Ramo de Actividade (A6) na R.A.A., 2004



- Agricultura, Caça, Silvicultura, Pesca e Aquicultura
- Indústria, incluindo energia
- Construção
- Comércio, reparação de veículos, alojamento e restauração, transportes e comunicações
- Actividades financeiras, imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas
- Outras actividades de serviços



## 1. POPULAÇÃO

O número de habitantes residentes nos Açores foi estimado pelo INE em 243 018 indivíduos no ano de 2006, sendo 120 414 do sexo masculino e 122 604 do sexo feminino.

Em relação ao ano anterior, o total da população residente inclui mais 777 pessoas, das quais 471 por via do saldo fisiológico e 306 do saldo migratório.

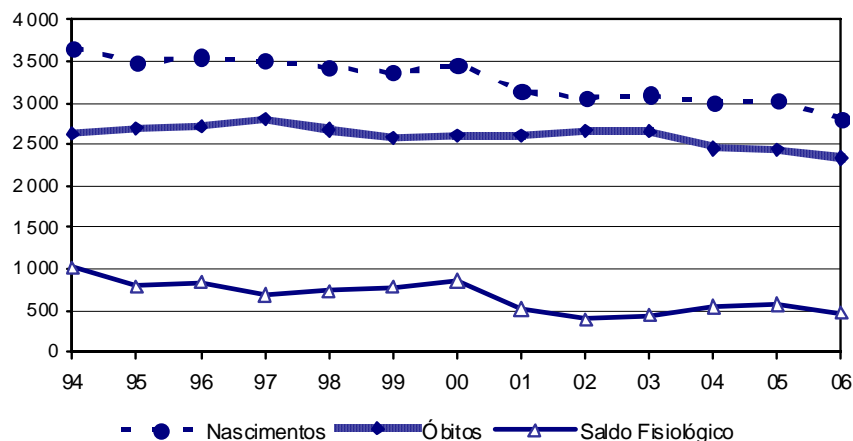
### Decomposição da Evolução Demográfica

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
População .....	237 028	241 763	238 767	240 024	241 206	242 241	243 018
Saldo fisiológico ....	854	521	395	445	550	579	471
Saldo Migratório ...	-1 036	4 214	-3 391	812	632	458	306

Fonte: INE, SREA, DREPA.

O saldo fisiológico representa um excedente dos 2 810 nascimentos em relação aos 2 339 óbitos. Para estes números absolutos contribuem os níveis de natalidade relativamente elevados em termos nacionais e europeus, mas a evolução nos últimos anos vem revelando uma margem de excedente natural que tende a reduzir-se.

### Evolução dos Saldos Fisiológicos



Os dados disponíveis sobre a emigração registam um total de 331 pessoas que saíram para o estrangeiro, o que representa uma redução em relação ao ano anterior.

Este fluxo de emigração tradicional parece corresponder às tendências presentes na sociedade açoriana, em termos de dimensão e de mobilidade geográfica em geral.

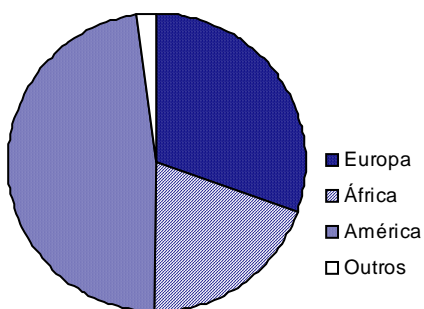
### Emigração por Destinos

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
EUA .....	96	95	72	61	50	68
Bermuda e Outros.	115	139	258	351	428	263
Total .....	211	234	330	412	478	331

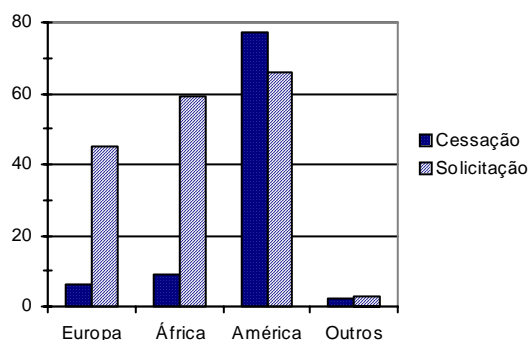
Fonte: SREA.

Em relação à população estrangeira, residiam legalmente nos Açores cerca de três mil cidadãos no ano de 2005, tendo origem em países dos continentes americano, europeu e africano, respectivamente, 48%, 30% e 20% do total.

### Residentes



### Registos de Pedidos



Os registos de alterações no estatuto legal dos estrangeiros residentes ao longo do mesmo ano de 2005 traduziram-se em 94 pedidos de cessação e em 173 de solicitação. Observando-se os pedidos segundo a distribuição geográfica dos residentes, parece haver uma certa atractividade pelos

Açores por parte de cidadãos de estados da Europa e da África, enquanto em relao aos da América há maior equilíbrio: no primeiro caso o número de pedidos a solicitar residência  nitidamente superior ao dos que o fazem para cessar; no segundo caso há uma situao qualitativamente inversa, mas com diferença menor em termos absolutos.

Acresce que no primeiro caso os pedidos revelam uma certa consonância com a estrutura das nacionalidades dos residentes estabelecidos, destacando-se pela dimensão atingida os de nacionalidade alemã no âmbito europeu e os de nacionalidade cabo-verdiana no âmbito africano. Já no segundo caso revela-se uma orientao diversa, na medida em que a base de residentes  formada maioritariamente por cidadãos dos EUA e do Canadá, mas os pedidos apontam no sentido de cidadãos do Brasil a solicitarem residência.

As estimativas da populao residente segundo a distribuo etária estão em conformidade com as linhas gerais de evoluo demográfica vistas anteriormente.

O grupo dos mais jovens (0 a 14 anos) reduz a sua importância, na sequência lógica da natalidade decrescente; o grupo dos mais idosos (65 e mais anos) vai mantendo um certo paralelismo com a dimensão da populao global; finalmente, o grupo da populao em idade activa (15 a 64 anos) aumenta o seu peso pela progressão etária natural dos jovens que vão engrossando o potencial de mão-de-obra no mercado de trabalho e, também, pelo reforço em recursos humanos que o saldo migratório faz pressupor.

Desta forma, com uma menor proporo dos jovens em relao aos idosos, um horizonte de envelhecimento da sociedade deixa antever-se, mas, por outro lado, uma maior proporo de activos em relao aos mesmos idosos favorece antes uma certa dinâmica ou, pelo menos, sustentabilidade social.

#### Estrutura Etária da Populao

	1991	2001	2006
0-14 anos.....	26,4	21,4	19,3
15-64 anos .....	61,1	65,6	68,3
65 e + anos.....	12,5	13,0	12,4

Fonte: - INE.

A distribuico geográfica da populao aponta no sentido do crescimento demográfico geral, e revelado a partir do recenseamento de 2001, estar a alargar-se por diversos territórios. Depois de em 2001 se registaram acréscimos de residentes em 3 ilhas e 7 concelhos, agora, em 2006, estimam-se acréscimos em 5 ilhas e 11 concelhos.

Comparando os crescimentos observados por concelhos com os observados por ilhas, nota-se que nos primeiros as variaes são mais amplas, sugerindo a existência de factores de localizao de ordem municipal que se distinguem no contexto das ilhas.

### Evoluo da Populao Residente

	1970	1981	1991	2001	2006
<b>Açores .....</b>	<b>284 915</b>	<b>243 410</b>	<b>237 795</b>	<b>241 763</b>	<b>243 018</b>
Santa Maria, Vila do Porto.....	9 675	6 500	5 922	5 578	5 549
<b>São Miguel .....</b>	<b>149 000</b>	<b>131 908</b>	<b>125 915</b>	<b>131 609</b>	<b>132 671</b>
Lagoa.....	13 250	12 849	12 900	14 126	15 139
Nordeste .....	8 885	6 803	5 490	5 291	5 276
Ponta Delgada.....	67 975	63 804	61 989	65 854	64 384
Povoaco .....	12 820	8 458	7 323	6 726	6 771
Ribeira Grande .....	32 165	28 128	27 163	28 462	30 012
Vila F. do Campo.....	13 905	11 866	11 050	11 150	11 089
<b>Terceira.....</b>	<b>65 500</b>	<b>53 570</b>	<b>55 706</b>	<b>55 833</b>	<b>55 697</b>
Angra do Herosimo.....	39 465	32 808	35 270	35 581	35 115
Praia da Vitria .....	26 035	20 762	20 436	20 252	20 582
<b>Graciosa, Santa Cruz.....</b>	<b>7 180</b>	<b>5 377</b>	<b>5 189</b>	<b>4 780</b>	<b>4 838</b>
<b>So Jorge .....</b>	<b>12 970</b>	<b>10 361</b>	<b>10 219</b>	<b>9 674</b>	<b>9 504</b>
Calheta.....	6 130	4 434	4 512	4 069	3 906
Velas.....	6 840	5 927	5 707	5 605	5 598
<b>Pico .....</b>	<b>18 115</b>	<b>15 483</b>	<b>15 202</b>	<b>14 806</b>	<b>14 806</b>
Lajes do Pico.....	6 605	5 828	5 563	5 041	4 772
Madalena.....	6 860	5 977	5 964	6 136	6 258
So Roque do Pico .....	4 650	3 678	3 675	3 629	3 776
<b>Faial, Horta .....</b>	<b>16 375</b>	<b>15 489</b>	<b>14 920</b>	<b>15 063</b>	<b>15 426</b>
<b>Flores.....</b>	<b>5 630</b>	<b>4 352</b>	<b>4 329</b>	<b>3 995</b>	<b>4 059</b>
Lajes das Flores .....	2 600	1 896	1 701	1 502	1 513
Santa Cruz das Flores.....	3 030	2 456	2 628	2 493	2 546
<b>Corvo, Vila Nova .....</b>	<b>470</b>	<b>370</b>	<b>393</b>	<b>425</b>	<b>468</b>

Fonte: INE, Sries Estatísticas 1994...2004.

INE, estimativas para 2006



## 2. MERCADO DE TRABALHO

Segundo o inquérito ao emprego do ano de 2006, a populao empregada atingiu o volume médio anual de 107 500 indivíduos, o que integra um acréscimo absoluto de 2 217 indivíduos, em relao ao ano anterior. Esta evoluo representa uma maior utilizao de recursos humanos, favorecendo a reabsoro de desemprego, a entrada no mercado de trabalho de inactivos e, também, a atraco de elementos de outros mercados de trabalho.

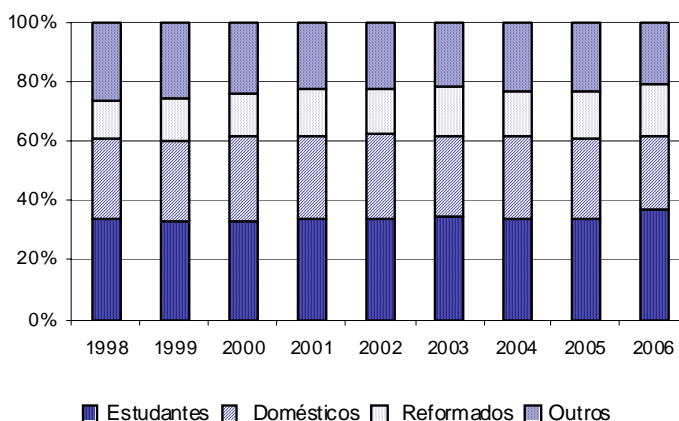
### Condio da Populao Perante o Trabalho

	N Indivíduos							
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Populao Activa.....	98 553	99 008	100 646	103 645	105 099	108 586	109 773	111 755
Empregada.....	95 464	96 171	98 360	100 974	102 066	104 892	105 283	107 500
Desempregada.....	3 089	2 837	2 286	2 671	3 033	3 694	4 490	4 255
Populao Inactiva...	138 204	137 724	136 309	134 175	134 440	132 583	131 873	130 956
Tx. de Actividade (%) .	41,5	41,8	42,4	43,5	43,8	45,0	45,4	46,0
Tx. de Actividade Feminina (%).....	28,4	28,7	30,2	31,4	32,1	33,4	33,8	34,9
Tx. de Desemprego (%)	3,1	2,9	2,3	2,6	2,9	3,4	4,1	3,8

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Na populao inactiva destaca-se novamente o seu decréscimo absoluto, ao mesmo tempo que na respectiva composio interna se reforam os grupos formados por estudantes e reformados, em contraposio ao da populao classificada na categoria de doméstica.

### Populao inactiva



O acréscimo de activos no mercado de trabalho originou um ligeiro reforço do sector secundário, que passou a representar 25,9% do total.

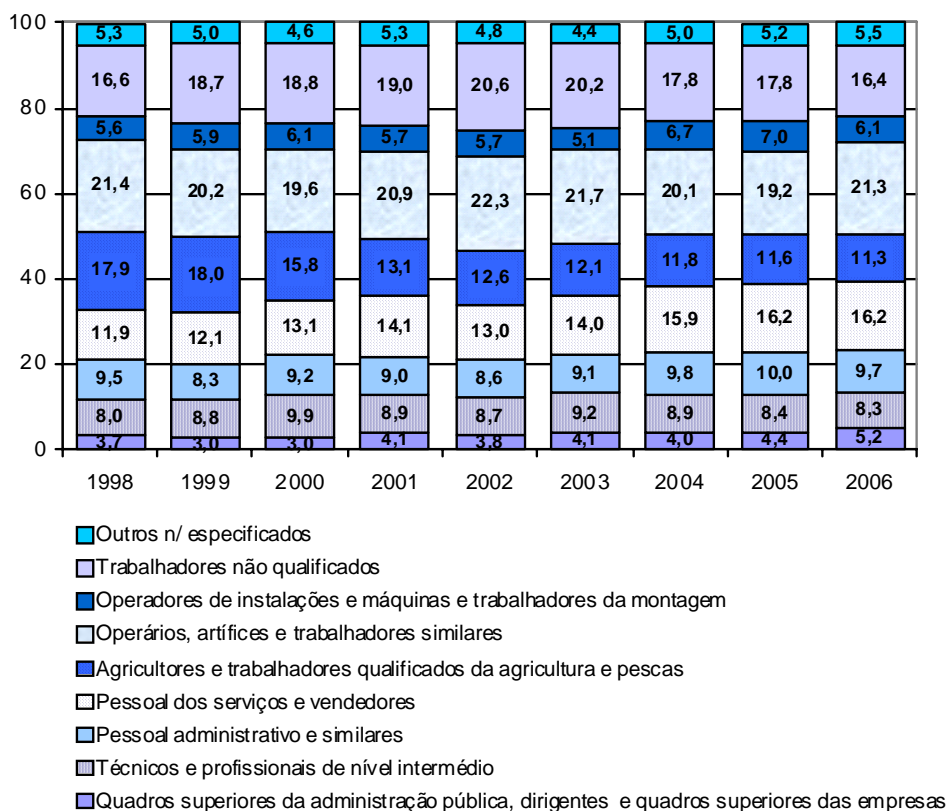
### Estrutura da População Segundo os Sectores de Actividade

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Sector Primário.....	18,4	16,4	13,8	13,4	12,8	12,5	12,4	12,4
Sector Secundário..	25,2	25,9	28,2	29,2	28,2	26,4	25,4	25,9
Sector Terciário .....	56,4	57,7	58	57,4	59	61,1	62,2	61,7
<b>Total.....</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

A distribuição do emprego segundo a profissão revelou reforços nas categorias de operários e, também, de quadros administrativos e de empresas. Em sentido contrário, a categoria de trabalhadores não qualificados registou o decréscimo mais significativo.

### Estrutura do Emprego por Situação na Profissão (%)



Segundo a situação na profissão, o acréscimo de emprego apenas deu origem à criação líquida de postos de trabalho na categoria de trabalhadores por conta de outrem. Efectivamente, esta categoria atingiu um número médio anual de 84 283 indivíduos, o que representa um aumento absoluto de 2 038 indivíduos, ao passo que a outra categoria significativa, a de trabalhadores por conta própria, registou o número médio anual de 20 857 indivíduos, que é inferior ao do ano anterior. A distribuição da população segundo o nível de habilitações continuou a revelar que cerca de 78% dos trabalhadores açorianos dispõem de formação escolar correspondente aos ciclos básicos.

#### Estrutura do Emprego por Situação na Profissão

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Trabalhador por conta própria.....	24 050	21 833	22 031	24 169	22 259	20 899	20 959	20 857
Trabalhador por conta de outrem.....	67 460	71 034	73 940	73 973	77 134	81 785	82 245	84 283
Outros.....	3 954	3 304	2 389	2 832	2 673	2 208	2 079	2 360
<b>Total.....</b>	<b>95 464</b>	<b>96 171</b>	<b>98 360</b>	<b>100 974</b>	<b>102 066</b>	<b>104 892</b>	<b>105 283</b>	<b>107 500</b>

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

A taxa de desemprego nos Açores representa o valor mais baixo no âmbito da economia portuguesa que, por sua vez, situa-se em valores médios relativamente mais próximos dos da área do euro.

#### Taxas de desemprego

	%	
	2005	2006
Área do euro.....	8,6	7,8
Portugal.....	7,6	7,7
Norte.....	8,8	8,9
Centro.....	5,2	5,5
Lisboa.....	8,6	8,5
Alentejo.....	9,1	9,2
Algarve.....	6,2	5,5
R.A. Açores.....	4,1	3,8
R.A. Madeira.....	4,5	5,4

Fontes: INE, Eurostat e BCE.



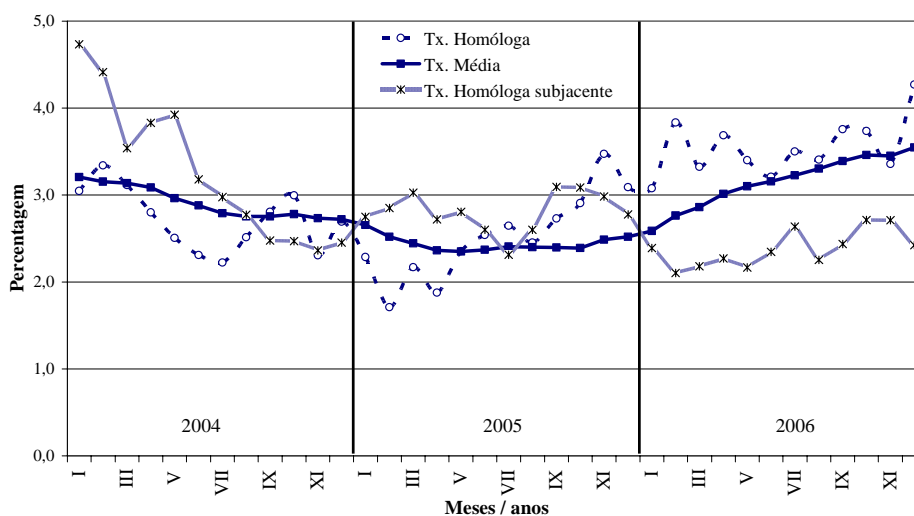
### 3. PREÇOS

A evolução dos preços no consumidor traduziu-se numa taxa média de crescimento anual de 3,6%, medida em Dezembro de 2006.

As variações mensais de preços, segundo as respectivas taxas homólogas e exceptuando apenas a do último mês, flutuaram na casa dos 3%, não revelando tendência de agravamento.

A intensidade de variação de preços decorreu das variações nos preços dos produtos alimentares não transformados e energéticos, já que se estes forem excluídos do índice de preços, a respectiva taxa homóloga subjacente fica-se pela casa dos 2%.

**Evolução de Preços no Consumidor**



Desagregando a evolução dos preços nas suas componentes mais significativas, isto é, nas 12 classes adoptadas para os índices harmonizados de preços no consumidor, verifica-se que algumas atingiram níveis de maior agravamento, como o caso da educação com 8,4%, ao passo que outras registaram valores inferiores à média, favorecendo estas a moderação global dos preços. A classe das comunicações com um desagravamento de preços, de -0,6%, implica o maior contributo para a moderação de preços no consumidor.

Todavia, o contributo mais significativo em termos de volume para a variação total dos preços decorre da componente de bens alimentares,

que atingiu 1,06%. Esta classe assume um contributo tão significativo, porque corresponde à componente mais representativa no cabaz de compras das famílias que é utilizado para medir as variações de preços, atingindo o seu peso 24%.

#### Variação e Contribuição por Classes de Despesa em 2006

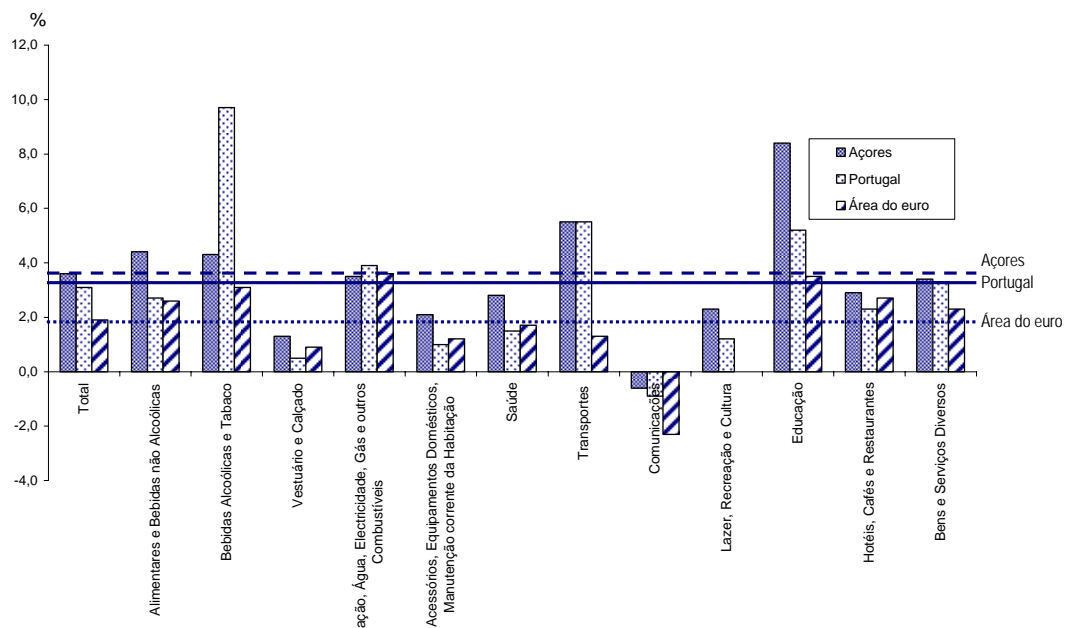
Unidade: %

Classes	Variação de preços	Ponde-radores (peso)	Contribuição
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas .....	4,4	24,0	1,06
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco .....	4,3	4,0	0,17
3. Vestuário e Calçado .....	1,3	6,5	0,08
4. Habitação., Água, Electricidade, Gás e Outros Combustíveis .	3,5	12,0	0,42
5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação..	2,1	8,9	0,19
6. Saúde .....	2,8	6,3	0,18
7. Transportes.....	5,5	17,9	0,99
8. Comunicações .....	-0,6	3,6	-0,02
9. Lazer, Recreação e Cultura .....	2,3	5,4	0,12
10. Educação.....	8,4	0,7	0,06
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes.....	2,9	5,2	0,15
12. Bens e Serviços Diversos .....	3,4	5,8	0,20
Total Geral .....	3,6	100,0	3,60

Comparando as variações de preços no consumo dos Açores com as de Portugal e da área do euro, segundo as 12 classes, destaca-se que há:

- correlações no sentido das variações, revelando um funcionamento de mercados com um certo grau de integração ou em processo de convergência.
- diferenças de intensidade que serão logicamente mais prováveis em classes associáveis a serviços não transaccionáveis, como os da educação, do que os bens com facilidade operacional de movimentação entre diversos mercados e respectiva harmonização de preços, como o vestuário e o calçado. Todavia, variações de conjuntura e de condições com efeitos particulares sobre alguns produtos podem influenciar a evolução de preços, como será o caso da fiscalidade sobre combustíveis, a poderem repercutir-se de forma mais intensa em classes como a de transportes.

Evolução dos Preços por Classes em 2006







## 4. MOEDA E CRÉDITO

No ano de 2006, os depósitos nas instituições bancárias somaram cerca de 2,4 milhões de euros e os créditos atingiram 3,4 milhões de euros o que, em relação ao ano anterior e em termos nominais, representa crescimentos médios anuais de 3,9% e 14,4%, respectivamente.

Admitindo o IPC – Índice de Preços Regional para corrigir a evolução nominal, calculam-se taxas de crescimento “reais” para os depósitos e para os créditos de, respectivamente, 0,3% e 10,4%. Nestes termos, pode concluir-se que a actividade bancária alargou o seu volume de actividade ao longo de 2006.

Atendendo que a intensidade de crescimento das operações activas na concessão de créditos foi nitidamente superior à do crescimento das operações passivas na captação de depósitos, decorreu uma aceleração no grau de transformação de poupanças em activos de financiamento. Efectivamente, o volume de créditos concedidos representou 143,7% dos depósitos captados em 2006, enquanto no ano anterior representara 130,5%.

### Depósitos e Créditos Bancários

10<sup>6</sup> Euros

Evoluções	Depósitos	Créditos <sup>1)</sup>	Créditos/Depósitos (%)
Absoluta			
2003.....	1 822	2 499	137,2
2004.....	1 880	2 335	124,2
2005.....	2 308	3 013	130,5
2006.....	2 398	3 447	143,7
Relativa Nominal (Δ %)			
2004/2003.....	3,2	-6,6	
2005/2004.....	22,8	29,0	
2006/2005.....	3,9	14,4	
Relativa “Real” (Δ %)			
2004/2003.....	0,5	-9,0	
2005/2004.....	19,8	25,9	
2006/2005.....	0,3	10,4	

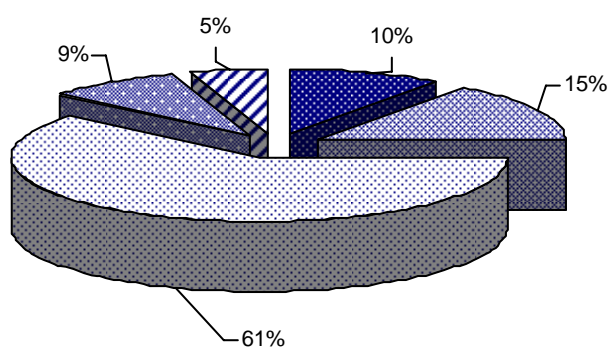
1) Não inclui crédito titulado.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, Março de 2007 ([www.vportugal.pt](http://www.vportugal.pt)).

## Depósitos

A estrutura dos depósitos continuou a revelar uma componente mais expressiva, a dos particulares com mais de 60% do total, enquanto as outras componentes (empresas, emigrantes, ...) repartiram mais entre si o volume complementar das poupanças captadas pelo sistema bancário.

Todavia, a quota de empresas não financeiras, com 15% do total em 2006, corresponde à incorporação de um crescimento significativo em relação aos outros tipos de depósitos, na medida em que a quota daquelas empresas no ano anterior representara 12%.

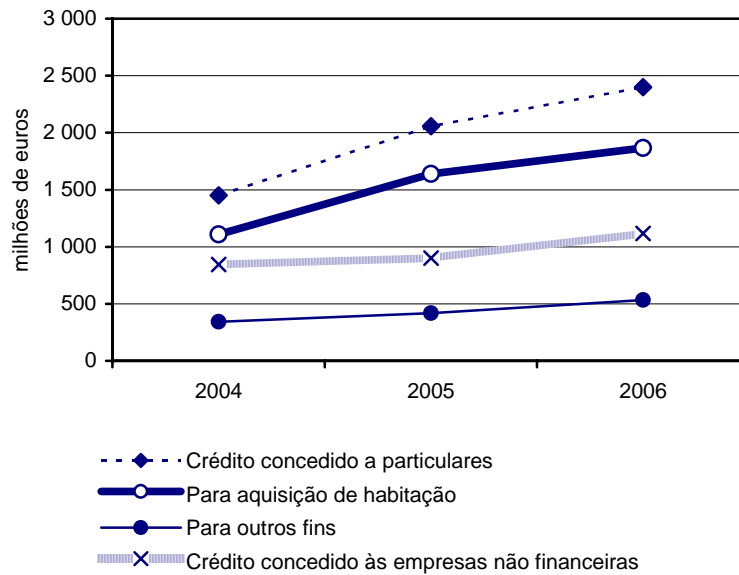


- Depósitos de IFNM
- Depósitos de empresas não financeiras, excl. Adm. Públicas
- Depósitos de particulares, excluindo emigrantes
- Depósitos de emigrantes
- Depósitos Sector Público Administrativo

## Créditos

A evolução global dos créditos concedidos pelo sistema bancário foi alimentada, em termos absolutos, quer pela componente de particulares, quer pela de empresas.

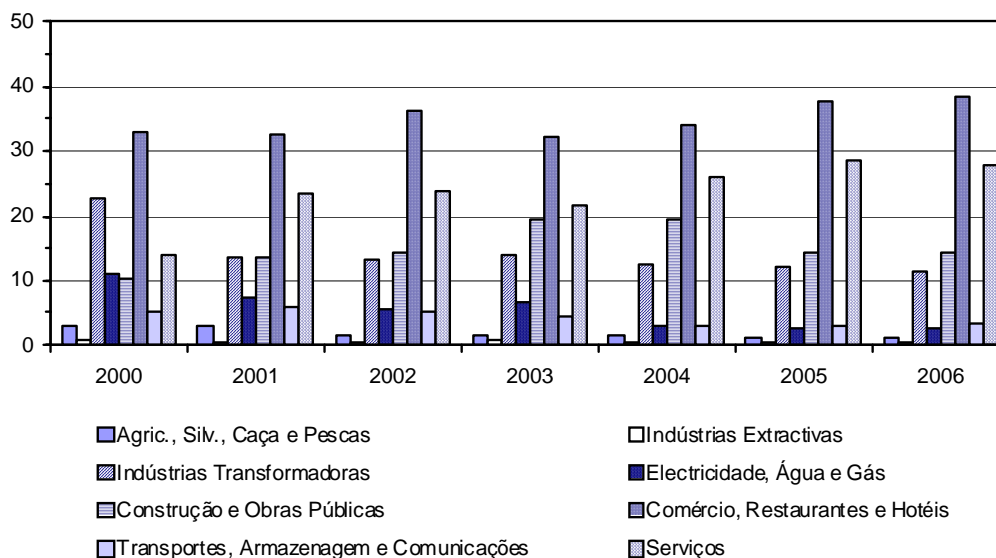
Contudo, em termos relativos, enquanto o crescimento do crédito a particulares desacelerou por efeito do hipotecário concedido para fins de habitação, o crédito concedido às empresas intensificou-se.



As empresas do sector terciário são as que realizam utilizações mais significativas de crédito bancário para financiamento de actividades mais correntes de necessidades de fundo de maneio e de existências, ou, também, mais estratégicas de reestruturao e de investimento. As empresas do sector de construo e obras públicas têm alargado a sua quota na utilizao de recursos financeiros intermediados pelo sistema bancário, mas sem atingirem o volume agregado pelas empresas dos outros sectores mais representativos e, ao mesmo tempo, revelando maior sensibilidade a condicionantes de mercado.

Neste contexto, os dados disponíveis sobre a evoluo mais recente apontam no sentido de serem as empresas de comércio, restaurao e hotelaria a sustentarem de forma mais consistente o crescimento do crédito bancário.

**Crédito Concedido às Sociedades não Financeiras por Sector de Actividade (%)**



As poupanças de particulares e de empresas depositadas nas instituições de crédito foram captadas em cerca de 60% do total pelas sediadas nos Açores, enquanto as respectivas utilizações, em termos de crédito concedido, se situaram na ordem dos 45%. Assim, observou-se, novamente, uma diferença estrutural significativa.

Entretanto, a evolução ao longo do ano contribuiu no sentido de equilíbrio na relação entre os depósitos e os créditos, e por efeito de ambas as componentes. Isto é, redução na dos depósitos e aumento na dos créditos.

**Depósitos e Créditos segundo a Sede nas Instituições**

Anos	Depósitos em instituições com sede em			Créditos em instituições com sede em		
	Açores	Continente	Total	Açores	Continente	Total
2004	59,2	40,8	100,0	39,7	60,3	100,0
2005	62,6	37,4	100,0	44,5	55,5	100,0
2006	60,7	39,3	100,0	44,7	55,3	100,0

Fonte: Banco de Portugal, Estatísticas Monetárias e Financeiras da R.A.A..

## 5. FINANÇAS PÚBLICAS

### Evoluo Geral

Em 2006, a Conta da Região Autnoma dos Açores, excluindo as contas de ordem, contabilizou 927,1 milhões de euros de receitas e 891,2 milhões de euros de despesas, o que em relao ao ano anterior representou crescimentos de 11,1% e 8,3%, respectivamente.

Em termos de estrutura e evoluo das receitas, o significativo crescimento na arrecadao de impostos e taxas reduziu a necessidade de recorrer a outras fontes de financiamento. De facto, as receitas fiscais (impostos mais taxas) cresceram 15,6%, passando a representar 63,2% do total, enquanto no ano anterior tinham representado 60,7%.

No que respeita às despesas, também excluindo as contas de ordem, registou-se um crescimento moderado das correntes (3,4%), uma certa estabilidade nas despesas do plano e um aumento das de capital, por via da amortizao da dvida pública.

### Aplicaes e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)			Estrutura %			Crescimento Δ%		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	04/03	05/04	06/05
RECEITAS (Corr.+Capital) .....	754,2	834,7	927,1	100,0	100,0	100,0	6,6	10,7	11,1
Receitas fiscais (Imp.+Tax.)	488,7	506,7	585,7	64,8	60,7	63,2	14,1	3,7	15,6
Transferências .....	257,0	259,5	242,6	34,1	31,1	26,2	-1,5	0,9	-6,5
Empréstimos.....	0	0	49,8	0,0	0,0	5,4	-	-	-
Outras .....	8,5	68,58	49,1	1,1	8,2	5,3	-54,7	703,4	-28,4
DESPESAS .....	732,2	822,5	891,2	100,0	100,0	100,0	3,4	12,3	8,3
Despesas Correntes.....	503,9	515,9	533,2	68,8	62,7	59,8	2,0	2,4	3,4
Despesas de Capital.....	2,3	3,3	51,9	0,3	0,4	5,8	31,8	42,2	1496,4
Despesas do Plano .....	226,1	303,4	306,1	30,9	36,9	34,3	6,5	34,2	0,9

Fonte: Conta da R. A. A..

## Receitas

Observando a um nível mais desagregado a composico das receitas, verifica-se que as correntes atingiram 686,6 milhões de euros, na sequência de um crescimento expressivo, a uma taxa média anual de cerca de 16%. Esta evoluo foi alimentada pela tributaco em geral, mas com maior intensidade pela indirecta, enquanto o montante de transferências se manteve estável em termos nominais.

O crescimento das receitas correntes foi suficientemente amplo para gerar um crescimento real das receitas globais, mesmo com as receitas de capitais a reduzirem-se nominalmente.

Entretanto a rubrica de passivos financeiros, com um montante de 49,8 milhões de euros, passou a representar 5,4% das receitas.

Incluindo-se o montante das contas de ordem, o total contabilizado de receitas atinge 1 184,9 milhões de euros.

### Receitas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Receitas	2004	2005	2006
<b>Receitas Correntes</b> .....	<b>542 743</b>	<b>589 699</b>	<b>686 552</b>
Impostos directos .....	153 086	159 215	182 696
IRS .....	109 427	116 580	134 109
IRC .....	43 311	42 391	43 303
Outros .....	348	244	5 284
Impostos indirectos .....	333 780	343 616	399 696
Imposto de selo.....	31 049	18 899	23 241
IVA.....	260 730	271 954	282 866
Imposto s/ consumo tabaco .....	19 765	22 129	22 392
Outros .....	22 236	30 634	71 197
Taxas, multas, outras penalidades .....	1 799	3 868	3 293
Rendimentos de propriedade .....	511	1 459	2 491
Transferências .....	50 000	77 803	77 803
Outras receitas .....	3 567	3 739	20 573
<b>Receitas de Capital</b> .....	<b>211 506</b>	<b>245 040</b>	<b>240 586</b>
Venda de bens de investimento .....	291	96	125
Transferências .....	207 047	181 656	164 768
Activos financeiros .....	1 692	38 788	10 361
Passivos financeiros .....	0	0	49 800
Outras receitas.....	2 476	2 500	3 231
Saldo da gerência anterior .....		22 000	12 301
<b>Contas de Ordem</b> .....	<b>332 963</b>	<b>302 846</b>	<b>257 751</b>
<b>Total</b> .....	<b>1 087 212</b>	<b>1 137 586</b>	<b>1 184 889</b>

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

## Despesas

As despesas correntes atingiram 533,2 milhões de euros no ano 2006, destacando-se 266,3 milhões de euros para despesas com pessoal e 229,2 milhões de euros relativos a transferências. Os encargos correntes com a dvida foram de cerca de 10,5 milhões de euros.

As despesas de capital registaram um montante de cerca de 51,9 milhões de euros, correspondendo basicamente a passivos financeiros com amortizao de dvidas.

As despesas do plano somaram 306,1 milhões de euros em 2006, enquanto no ano anterior tinham somado 303,4 milhões de euros.

As contas de ordem contabilizaram um montante de 260,9 milhões de euros, contribuindo assim para o total de receitas de 1 152,1 milhões de euros.

### Despesas – Conta da RAA

Despesas	Milhares de Euros		
	2004	2005	2006
<b>Despesas Correntes</b> .....	<b>503 860</b>	<b>515 933</b>	<b>533 177</b>
Pessoal .....	252 135	261 784	266 297
Aquisio de bens e Serviços .....	1 6323	17 068	17 023
Encargos correntes da dvida .....	7 371	7 164	10 531
Transferências correntes .....	218 182	219 473	229 248
Subsídios .....	0	0	
Outras despesas correntes .....	9 849	10 445	10 078
<b>Despesas de Capital</b> .....	<b>2 286</b>	<b>3 251</b>	<b>51 899</b>
Aquisio de bens de capital .....	1 371	1 325	1 134
Activos financeiros.....	0	0	0
Passivos financeiros .....	0	0	49 880
Transferências de capital .....	624	1 624	576
Outras despesas de capital .....	291	303	309
<b>Despesas do Plano</b> .....	<b>226 141</b>	<b>303 370</b>	<b>306 128</b>
<b>Contas de Ordem</b> .....	<b>327 748</b>	<b>315 087</b>	<b>260 932</b>
<b>Total</b> .....	<b>1 060 035</b>	<b>1 137 642</b>	<b>1 152 136</b>

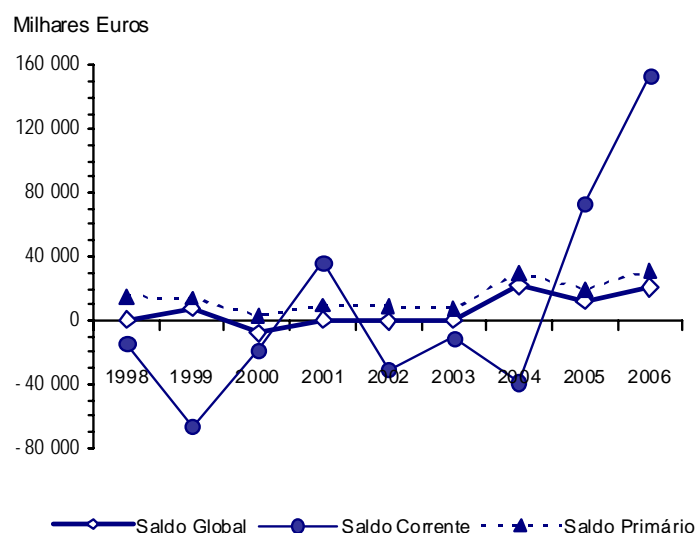
Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

## Saldos

Pelos dados anteriores verifica-se que no ano 2006 o crescimento das receitas totais foi superior ao das despesas totais (incluindo as respectivas contas de ordem), sendo o saldo entre umas e outras (o saldo global) positivo em cerca de 36 milhões de euros.

Deduzindo o encargo corrente da dívida (juros a pagar) obtém-se um saldo primário na ordem de 47 milhões de euros.

O saldo de despesas correntes positivo, com um volume na casa de 150 milhões de euros, foi decisivo na cobertura do saldo negativo de capitais e nos resultados de encerramento das contas.



## Dívida Pública Directa

A dívida pública de 274,95 milhões de euros em 2006 representa uma redução em relação ao ano anterior, mesmo em termos nominais.

O serviço da dívida de 60,4 milhões de euros correspondeu basicamente a 10,4 milhões de euros para juros e a 49,9 milhões de euros para amortizações.



**Dvida Pública Regional**

Mil Euros

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Dvida Pública Directa</b>	<b>277 524</b>	<b>275 030</b>	<b>275 030</b>	<b>275 030</b>	<b>275 030</b>	<b>274 951</b>
<b>Serviço da Dvida .....</b>	<b>9 467</b>	<b>9 073</b>	<b>7 592</b>	<b>7 372</b>	<b>7 158</b>	<b>60 409</b>
Juros .....	9 376	9 057	7 592	7.371	7 158	10 432
Amortizações .....	0	0	0	0	0	49 879
Outros encargos.....	91	16	0	1	0	98

Fonte: Conta da R.A.A..



## 6. AGRICULTURA

Os dados do Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas para 2005 apontam no sentido de um redimensionamento das unidades empresariais agrícolas, na medida em que revelam acréscimos de área média (ha / n de exploraes), de mecanizao (densidade de tractores por área ou por explorao) e, por outro lado, reduo dos recursos humanos envolvidos (produtores e populao agrícola familiar).

### Estruturas e Recursos Gerais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)	Variaes 1999-2005 (%)	
				Açores	Portugal
Exploraes (n).....	15 285	323 920	4,7	-21	-22
SAU (ha).....	122 783	3 679 587	3,3	1	-5
Tractores (n).....	3 005	176 394	1,7	13	10
Produtores agrícolas singulares (n)	15 107	317 075	4,8	-20	-23
Populao agrícola familiar (n)....	49 514	869 311	5,7	-28	-30

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas, 2005

Considerando o conceito de orientao técnico-econmica a partir da relao entre as diferentes margens brutas de explorao das actividades desenvolvidas por uma mesma unidade empresarial, 10 669 exploraes agrícolas foram classificadas como especializadas, já que dois terços da margem bruta global derivaram apenas de uma actividade, e 4 307 foram classificadas como indiferenciadas/combinadas.

Observando as mesmas exploraes, mas agora segundo o tipo de cultivo, as orientadas para bovinos revelam um predomínio no contexto regional e uma representatividade significativa no sector a nível nacional.

## Exploraes

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Exploraes.....	14 976	323 154	4,6
Segundo o grau de especializao			
Especializadas .....	10 669	156 697	6,8
Indiferenciadas/combinadas.....	4 307	166 457	2,6
Segundo o tipo de cultivo			
Viticultura.....	405	40 174	1,0
Fruticultura .....	2 114	26 692	7,9
Bovinos leite.....	2 852	10 065	28,3
Bovinos para gado/carne .....	3 298	10 348	31,9
Policultura.....	1 689	60 682	2,8
Diversos .....	4 618	175 193	2,6

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Exploraes Agrícolas, 2005

A populao agrícola familiar era formada por 49 514 pessoas, caracterizando-se no contexto português pela sua relativa juventude e nível de instruo. Efectivamente,  nos elementos de grupos etários com menos de 45 anos e nos de habilitaes a partir do 1 ciclo que se encontram representatividades superiores à média geral de 5,7% para a populao agrícola familiar.

## Populao

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Populao residente.....	241 763	10 356 117	2,3
Populao agrícola familiar.....	49 514	869 311	5,7
Segundo as classes etárias			
< 35.....	19 539	231 632	8,4
35 a >45 anos .....	6 556	85 706	7,6
45 a <65.....	15 104	279 335	5,4
>=65.....	8 314	272 637	3,0
Segundo nível de instruo			
Não sabe .....	5 145	124 605	4,1
Sabe.....	4 394	121 280	3,6
1 ciclo.....	19 383	336 209	5,8
2.....	8 837	106 010	8,3
Outros níveis.....	11 755	181 208	6,5
Populao residente.....	241 763	10 356 117	2,3

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Exploraes Agrícolas, 2005

No contexto português, as explorações, ao mesmo tempo que apresentam uma dimensão relativamente reduzida, têm uma intensidade de utilização de volume de trabalho baixa, permitindo uma eficiência equilibrada na utilização destes recursos básicos às actividades agrícolas. Assim, não surpreenderá a produtividade alcançada nos Açores, onde a orientação técnico-económica pelos bovinos gerará significativas margens brutas de exploração, que contribuem para a elevação dos índices médios.

#### Indicadores Laborais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Dimensão (Ha/Expl.).....	8,0	11,4	70,2
Volume de trabalho (UTA/Expl.).....	0,8	1,2	66,7
Eficiência (UTA/100 ha).....	10,1	10,9	92,7
Produtividade (UDE/UTA).....	17,1	5,6	305,4

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, 2005

A partir das estatísticas disponíveis sobre as principais produções agrícolas observa-se que: as produções de milho, formadas fundamentalmente por forragem para alimentação de animais, se situam à volta de 150 mil toneladas, mas integram-se numa tendência de desaceleração ou mesmo de decréscimo; as produções de carácter mais industrial são reveladoras de maior regularidade, destacando-se a da beterraba nos últimos três anos, também, pela intensidade de crescimento; a produção de vinho atingiu 25,7 mil litros, o que não recupera os níveis médios de produção de há alguns anos, mas em relação ao ano imediatamente anterior representa um acréscimo absoluto de 5,7 mil hectolitros.

#### Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Batata Cedo.....	6 954	6 323	6 508	6 103	5 923	4 699	4 984	4 984	4 886
Batata Tarde .....	19 773	21 746	21 548	20 402	20 162	12 878	14 344	15 137	13 907
Beterraba Sacarina.....	7 586	6 301	7 699	8 976	7 040	5 265	9 330	18 654	49 447
Chá .....	24	79	86	97	123	116	125	112	125
Milho Grão .....	4 204	2 889	2 580	2 292	1 985	1 843	1 830	1 799	1 791
Milho Forragem.....	184 749	363 645	218 885	199 643	160 462	154 365	155 333	152 893	147 865
Tabaco .....	173	178	187	140	90	104	138	125	104
Vinho* .....	94 201	52 602	55 399	41 450	47 373	32 787	21 121	20 073	25 745

\* Unidade - Hectolitros

Fonte: SREA, INE.

O volume na ordem de 505,9 milhões de litros de leite recebidos nas fábricas durante o ano de 2006, representa um acréscimo de 1,2% em relao ao ano anterior.

Nos produtos transformados, o leite para consumo atingiu um volume de 78,1 milhões de litros, representando um acréscimo de 4,6%, ao passo que os produtos lácteos (manteiga, queijo, leite em p e iogurtes) somaram 49,9 mil toneladas, correspondendo a um acréscimo de 2,2%.

Entre os diversos produtos lácteos registou-se uma evoluo mais expressiva na manteiga e no leite em p.

### Produo e Transformao de Leite

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Leite recebido nas fbricas (1000 lt.).....</b>	<b>422 639</b>	<b>474 231</b>	<b>501 963</b>	<b>482 789</b>	<b>505 010</b>	<b>492 211</b>	<b>491 276</b>	<b>499 801</b>	<b>505 872</b>
<b>Leite p/consumo (1000 lt).....</b>	<b>40 694</b>	<b>43 391</b>	<b>48 467</b>	<b>45 108</b>	<b>49 776</b>	<b>52 852</b>	<b>65 797</b>	<b>74 670</b>	<b>78 137</b>
<b>Produtos lcteos (ton.s.)</b>	<b>43 373</b>	<b>49 247</b>	<b>51 530</b>	<b>48 384</b>	<b>51 845</b>	<b>51 289</b>	<b>49 681</b>	<b>48 887</b>	<b>49 948</b>
Manteiga.....	5 876	6 915	7 277	5 825	6 969	7 325	6 794	6 568	7 489
Queijo.....	19 370	22 496	24 552	25 387	26 158	25 459	26 075	27 229	26 296
Leite em P.....	17 954	19 633	19 509	16 997	18 542	18 271	16 557	14 782	15 859
Iogurtes.....	173	203	192	175	176	234	255	309	304

Fonte: SREA.

No mesmo período, a produo de carne registou um total de 28,4 mil toneladas, o que representa uma taxa de variao de -4,7% em relao ao ano anterior.

As variaes estatisticamente mais expressivas ocorreram nos mercados locais de gado suíno e de aves, com o primeiro a decrescer e o segundo a registar uma taxa de variao positiva em relao ao ano anterior.

### Produo de Carne

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Gado bovino abatido.....	6 028	7 477	7 998	7 247	8 147	8 124
Gado bovino exportado vivo	10 664	13 641	14 078	11 983	12 222	11 740
<b>Sub - total.....</b>	<b>16 692</b>	<b>21 118</b>	<b>22 076</b>	<b>19 230</b>	<b>20 368</b>	<b>19 864</b>
Gado suno abatido.....	5 187	5 396	5 798	5 364	5 688	4 611
Aves (abate).....	2 778	3 395	3 318	3 565	3 720	3 964
<b>Total.....</b>	<b>24 657</b>	<b>29 909</b>	<b>31 192</b>	<b>28 159</b>	<b>29 776</b>	<b>28 439</b>

Fonte: SREA.

## 7. PESCAS

No ano de 2006 a actividade piscatória registou um acréscimo do pescado descarregado, que foi conseguido com menos meios utilizados, em termos de frota e de pescadores. As próprias condições envolventes implicaram um aumento de dias de incapacidade para o exercício da actividade.

Consequentemente, foi maior o produto da pesca por unidade de meios utilizados. Para esta aparente produtividade terá contribuído o aumento de licenças de artes de pesca que os pescadores tiveram disponíveis e, ainda, a dimensão médias das embarcações utilizadas.

Dados sobre o pescado descarregado nos portos durante o ano de 2006 referem 11,8 mil toneladas e 31,9 milhões de euros, o que corresponde a um preço médio de 4,7€ por quilograma.

O acréscimo de produção revelado por estes números revelam resulta de factores de quantidade de tunídeos e de factores de valorização do restante pescado tradicional.

### Pescado Descarregado nos Portos

	Anos						Δ%					
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	02/01	03/02	04/03	05/04	06/05	
<b>Volume (Tons)</b>												
<b>Total .....</b>	<b>6 925</b>	<b>7 840</b>	<b>10 013</b>	<b>11 042</b>	<b>9 254</b>	<b>11 860</b>	<b>13,2</b>	<b>27,7</b>	<b>10,3</b>	<b>-16,2</b>	<b>28,2</b>	
Tunídeos .....	1 479	1 821	3 505	5 228	3 113	5 817	23,1	92,5	49,2	-40,5	86,9	
Restante Pescado ..	5 446	6 019	6 508	5 814	6 141	6 043	10,5	8,1	-10,7	5,6	-1,6	
<b>Valor (Mil Euros)</b>												
<b>Total .....</b>	<b>22 043</b>	<b>24 607</b>	<b>26 119</b>	<b>27 452</b>	<b>28 745</b>	<b>31 876</b>	<b>11,6</b>	<b>6,1</b>	<b>5,1</b>	<b>4,7</b>	<b>10,9</b>	
Tunídeos .....	1 594	1 747	2 390	3 537	2 336	3 463	9,6	36,8	48,0	-34,0	48,3	
Restante Pescado ..	20 449	22 860	23 729	23 915	26 409	28 413	11,8	3,8	0,8	10,4	7,6	
<b>Preço (Euro/Kg)</b>												
<b>Total .....</b>	<b>3,18</b>	<b>3,14</b>	<b>2,61</b>	<b>2,49</b>	<b>3,11</b>	<b>2,69</b>	<b>-1,4</b>	<b>-16,9</b>	<b>-4,7</b>	<b>24,9</b>	<b>-13,5</b>	
Tunídeos .....	1,08	0,96	0,68	0,68	0,60	0,75	-11,0	-28,9	-0,8	10,9	-20,7	
Restante Pescado	3,75	3,80	3,65	4,11	4,70	4,30	1,1	-4,0	12,8	4,5	9,3	

Fonte: SREA.

Entre as principais espécies descarregadas destaca-se as do goraz e a do cherne pela importância económica que atingem. As capturas destas espécies situaram-se na ordem de 4 centenas de toneladas e somaram receitas na ordem de 5 milhões de euros, enquanto outra espécie como a da cavala também atingiu capturas na mesma ordem das 4 centenas de toneladas, mas as respectivas receitas somaram apenas 0,3 milhões de contos.

De outra forma, os preços médios do goraz e do cherne atingiram, respectivamente, 13,9 euros e 9,4 euros por quilograma, enquanto o preço da cavala se ficou por 70 cêntimos. Esta diferença de preços inclui logicamente de factores de variação anual, mas decorre fundamentalmente dos mercados valorizarem estruturalmente os diferentes produtos conforme critérios de preferência próprios.

#### Principais Espécies Descarregadas

	Toneladas			Mil Euros			Euro/Kg		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Abrótea.....	193	141	119	746	568	604	3,9	4,0	5,1
Cações .....	57	45	55	92	54	67	1,6	1,2	1,2
Cavala .....	434	312	432	324	279	313	0,7	0,9	0,7
Cherne .....	189	307	497	2 137	2 884	4 659	11,3	9,4	9,4
Chicharro.....	1 246	1 222	1 241	2 014	1 928	1 922	1,6	1,6	1,5
Congro.....	115	113	97	421	377	357	3,7	3,3	3,7
Goraz.....	405	715	408	5 140	7 608	5 676	12,7	10,6	13,9

Fonte: SREA.

A estrutura do pescado capturado nos Açores, particularmente através de espécies de profundidade, tem favorecido a sua valorização, onde os preços médios na primeira venda são relativamente elevados, quando comparados a outras espécies como as dos pequenos pelágicos de sardinhas, de carapaus, etc.. É neste contexto que se compreende-se que a categoria de peixes marinhos, com um volume de capturas de 9,2% do total nos portos portugueses, atinja 15,9% do valor nos mesmos portos.

No âmbito das quotas para os stocks explorados pela frota nacional, o nível de utilização para a espécie de goraz foi de 77% de um total autorizado de 1 116 toneladas.



## Principais categorias de espécies descarregadas

	Açores		Portugal		Açores/Portugal	
	Ton.s	Mil euros	Ton.s	Mil euros	%	%
Peixes marinhos .....	11 361	28 843	124 110	181 214	9.2	15.9
Crustáceos .....	12	178	869	12 827	1.4	1.4
Moluscos.....	487	2 854	16 632	49 567	2.9	5.8
gua doce e outros .....	0	0	72	692	0	0
Total.....	11 890	31 875	141 683	244 300	8.4	13.0

Fonte: INE.

No ano de 2006, das 735 embarcaoes registadas, 613 tinham licenças para o exercício de actividade.

O maior número de embarcaoes licenciadas pertencia ao escalo com menos de 12 metros de comprimento, utilizando artes fixas de pequena de pesca de demersais. Todavia, a maior capacidade pertence ao escalão relativo às embarcaoes de 12 ou mais metros de comprimento, as quais alargam a sua actividade às artes de palangres e aos stocks de peixes pelágicos.

## Embarcaoes

	N	GT(a)	Potência
Registada .....	735	10 063	46 096
Licenciada .....	613	7 897	38 102
menor que 12m .....	541	1 378	18 433
maior ou igual a 12 m...	72	6 520	19 669

Fonte: INE.

Observando as licenças para o exercício das diferentes artes de pesca, verifica-se que a de anzol  a mais frequente, com um total de 1 332 em 2 579, atingindo a sua representatividade a nível nacional a quota de 17%. Confirma-se assim a elevada componente selectiva dos métodos de pesca utilizados, não se registando mesmo qualquer licença para a arte de arrasto.

## Licenças por Arte de Pesca

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol .....	1 332	7 819	17.0
Armadilhas.....	392	3 057	12.8
Arrasto .....	0	640	0.0
Cerco.....	88	359	24.5
Redes.....	767	7 272	10.5
Outras artes .....	0	862	0.0
Total .....	2 579	19 989	12.9

Fonte: INE.

A distribuico dos cerca de 2 mil pescadores matriculados na pesca polivalente  reveladora:

- do predomínio da pesca local em relao  pesca costeira, cabendo a cada uma, respectivamente, cerca de dois terços e de um terço; e
- de uma certa especializao em relao  actividade no contexto português, na medida em que a participao regional destes recursos humanos na frota local de 21,3%  mais expressiva do que a dos 13,8% a nível global.

## Pescadores

	N	GT(a)	Potência
Local .....	1 462	6 855	21.3
Costeiro ...	632	7 806	8.1
Largo .....	0	522	0.0
Total .....	2 094	15 183	13.8

Fonte: INE.

Os dados sobre sinistralidade e dias de incapacidade atingiram, respectivamente, 83 feridos e 1 127 dias de interrupo de actividade. Estes números representam uma dimensão significativa neste ano de 2006 e um agravamento em relao ao ano anterior. Todavia, são números relativamente moderados no contexto da economia portuguesa e dos respectivos recursos envolvidos.

## Sinistralidade e Dias de Incapacidade

	N	GT(a)	Potência
Mortos .....	0	6	0
Feridos .....	83	1 365	6.1
Dias de incapacidade.....	1 127	26 950	4.2
Mortos .....	0	6	0

Fonte: INE.

## 8. ENERGIA

Segundo dados relativos à produção de energia, quer a partir de recursos renováveis, quer pela importação de combustíveis obtem-se um volume de energia primária de cerca de 373,5 mil toneladas equivalentes de petróleo (tep).

A produção regional de 33,7 mil toneladas representa cerca de 9% do total. A importação global de combustíveis tem vindo a aumentar embora o volume de gasolina tenha sido menor, por contrapartida de crescimentos nos outros derivados do petróleo.

### Consumo de Energia Primária

	2001	2002	2003	2004	2005
<b>Produção Regional.....</b>	<b>39,9</b>	<b>37,1</b>	<b>37,4</b>	<b>36,6</b>	<b>33,7</b>
Hidroeléctrica, Geotérmica e Eólica....	39,9	37,1	37,4	36,6	33,7
<b>Importação .....</b>	<b>273,1</b>	<b>295,4</b>	<b>310,9</b>	<b>324,2</b>	<b>339,8</b>
Gasolina .....	33,9	35,5	37,1	38,5	36,8
Gasóleo .....	117,6	126,1	134,9	136,2	137,5
Fuel-oil .....	94,8	105,7	110,4	120,7	136,7
GPL .....	26,6	27,9	28,4	28,7	28,8
<b>Total .....</b>	<b>201,9</b>	<b>331,5</b>	<b>347,6</b>	<b>360,4</b>	<b>373,5</b>

mil tep's

Fonte: EDA, SREA e DREPA.

A produção de electricidade registou 780,3 GWh em 2006, o que representa um crescimento de 4,1% em relação ao ano anterior. Por outro lado, no mesmo período, o consumo atingiu 703,2 GWh, incorporando um crescimento de 7,3%.

Neste contexto, observou-se nas perdas de electricidade uma redução, mesmo em termos absolutos. Efectivamente, aquelas perdas foram de 77,5 GWh, enquanto no ano anterior tinham sido de 82,6 GWh.

### Electricidade – Balanço

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Produção.....	520,1	559,2	600,9	641,2	702,7	750,1	780,7
Perdas .....	69,4	74,0	75,1	81,1	80,7	82,6	77,5
Consumo .....	450,7	485,2	525,8	560,1	622,0	667,5	703,2

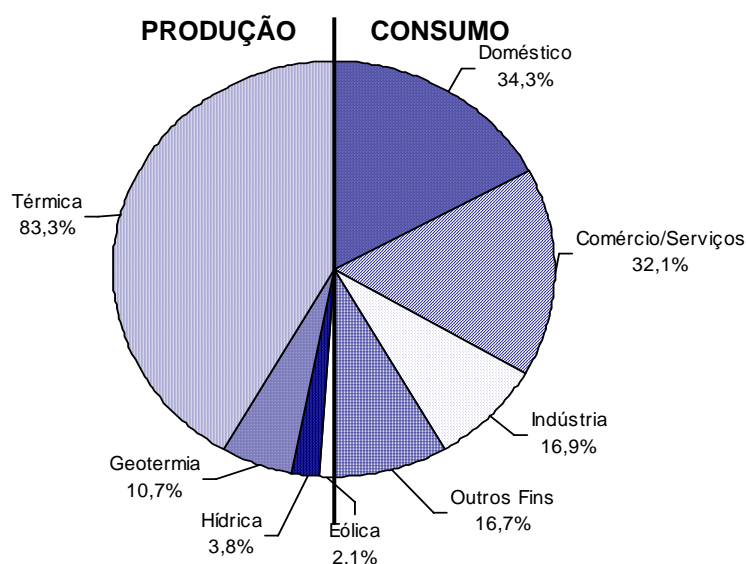
GWh

Fonte: EDA.

A origem da produção continuou a gerar-se de forma dominante a partir das centrais térmicas, que representaram 83,3% do total. As outras formas, de natureza renovável, mais concretamente, a geotérmica, a hídrica e a eólica, corresponderam a 10,7%, 3,8% e 2,1%, respectivamente.

Em termos de consumo, os agregados domésticos e os serviços/comércio absorveram cada um cerca de 1/3 do total e o terço restante foi basicamente dividido entre indústrias e “outros fins” (fundamentalmente públicos) em partes simultaneamente iguais.

#### Estrutura da Produção e Consumo de Electricidade – 2006



Observando algumas variáveis desagregadas por ilhas, verificou-se que, para além de uma certa correlação entre as variáveis da produção e do nº de consumidores, a dimensão a um nível mais micro do consumo por instalação revela um rácio superior à média regional nas ilhas de São Miguel e da Terceira.

#### Distribuição por Ilhas - 2006

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produção (GWh).....	19,6	413,1	203,3	12,3	25,9	42,4	51,7	10,9	1,1	780,3
Consumo por instalação (MWh/nº instalações).....	5,2	6,7	7,1	3,8	4,3	4,3	6,1	4,5	4,0	6,3
Consumidores (nº instalações) .....	3 433	56 441	25 370	3 008	5 463	8 460	7 360	2 288	250	112 073

Fonte: EDA.

## 9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

O comércio com o estrangeiro no último ano com dados disponíveis, o de 2005, registou um total de 34,2 milhões de euros pelos bens vendidos ao estrangeiro e 55,5 milhões de euros pelo fluxo de bens em sentido contrário, implicando um saldo comercial negativo de 21,3 milhões de euros.

Estes números resultam de uma estrutura de partida desequilibrada, mas a evoluo ao longo do ano foi observando uma intensidade de crescimento do valor dos bens vendidos superior  dos comprados que, além de permitir uma melhoria ao nível da taxa de cobertura do comércio com o estrangeiro, gerou uma reduo no saldo negativo, mesmo em termos nominais.

### Comércio com o Estrangeiro - Componentes

	1000 euros		
	Entradas	Saídas	% Cobertura
2001	95 874	28 169	29,4
2002	105 004	23 986	22,8
2003	102 161	45 852	44,9
2004	84 769	33 245	39,2
2005	55 514	34 237	62,0

Fonte: INE.

A melhoria de equilíbrio nas trocas comerciais com o estrangeiro foi mais significativa no espaço europeu intra-comunitário, em relao ao qual a taxa de cobertura registada em 2005 foi superior  média.

### Comércio com o Estrangeiro - 2004 e 2005

	Intra Comunitário		Extra Comunitário	
	2004	2005	2004	2005
Entradas .....	52 260	25 260	32 509	29 711
Saídas .....	19 898	20 117	13 347	14 121
Taxa de Cobertura..	38,1	79,6	41,1	47,5

Fonte: INE.

A distribuo por grandes categorias de produtos revela que os de alimentao e bebidas detm a preponderância acentuada no comércio com o exterior, especialmente na componente de saídas/exportações. Já produtos mais ligados a fornecimentos industriais e investimentos em

equipamentos representam o volume mais expressivo das entradas/importaes.

### Comércio com o Estrangeiro - Grandes Categorias - 2005

	1 000 Euros	
	Entradas	Saídas
Produtos Alimentares e Bebidas.....	18 645	25 500
Fornecimentos Industriais - Não Especificados Noutras Categorias	23 861	657
Combustíveis.....	1 390	5 413
Máquinas, Outros Bens de Capital (Excepto Material de Transporte)	4 877	247
Material de Transporte .....	4 913	1 112
Bens de Consumo Não Especificados Noutras Categorias .....	1 828	1 197
Outros Produtos.....	0	112

Fonte: INE.

A desagregao das trocas comerciais segundo os países continua a corresponder  estrutura e organizao de mercados de anos anteriores, notando-se concentrao de vendas e dispersão de mercados abastecedores com adaptaes mais frequentes. Assim, por um lado, temos mercados da saude (EUA e Canadá) e de Itália para venda de produtos açorianos já tradicionais e com nichos de colocao, enquanto, por outro lado, temos mercados de tecnologias e bens de especialidade (desde alimentos para animais até máquinas, passando por vestuário) que utilizam circuitos internacionais com países europeus ou americanos.

### Comércio Internacional por Zonas e Países - 2005

	1 000 Euros	
	Entradas/Importaes	Saídas/Exportaes
União Europeia	25 803	20 117
Espanha	12 873	730
Itália	844	13 246
França	8 185	705
Países Baixos	234	3 107
Reino Unido	2 888	7
Bélgica	105	1 154
Outros	265	825
Estados Unidos da América	12 279	3 104
Canadá	3 339	2 746
Brasil	374	164
PALOP(s)	...	679
Outros	7 741	483

Fonte: INE.

## 10. TURISMO

No ano de 2006, a actividade turística, registada pelas estatísticas dos diversos tipos de alojamento inquiridos pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores, ao longo dos diversos meses do ano, tanto na óptica da procura como na da oferta globais, traduziu-se em cerca de 1,2 milhões de dormidas, que se realizaram em unidades turísticas de hotelaria tradicional, de turismo em espaço rural e de casas de hóspedes.

### Procura e Ofertas Turísticas

Capacidade					Dormidas				
Ano	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros	Total	Ano	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros	Total
1999	3 811	149	405	4 364	1999	524 129	10 179	18 050	552 358
2000	3 782	147	402	4 331	2000	591 304	9 770	19 396	620 470
2001	4 321	237	454	5 013	2001	718 095	17 571	25 088	760 754
2002	5 138	272	465	5 875	2002	776 613	18 437	25 190	820 240
2003	5 967	276	462	6 705	2003	804 028	16 710	23 130	843 868
2004	7 062	273	444	7 779	2004	965 049	17 553	24 424	1 007 026
2005	8 075	313	395	8 783	2005	1 136 452	19 381	17 843	1 173 676
2006	8 211	350	555	9 116	2006	1 179 371	19 755	24 543	1 223 669

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

As unidades de hotelaria tradicional ofereceram uma capacidade de cerca de 90% do total, que atraiu 96% de todas as dormidas realizadas por hóspedes nacionais e estrangeiros. O mercado de residentes em Portugal continua a representar a quota de mercado mais significativa, mas verifica-se que a evolução dos hóspedes residentes no estrangeiro vem condicionando a evolução global de uma forma cada vez mais visível.

Para esta evolução tem contribuído decisivamente o mercado dos países nórdicos que atingiram 58,7 milhares de hóspedes em 2006, portanto, superior ao total de 54,8 milhares de hóspedes formado pela soma dos países mais representativos em anos anteriores, a saber, Alemanha, E.U.A., França, Reino Unido e, também, Espanha.

## Procura – Principais Mercados

## Residência dos Hóspedes

	Hóspedes (milhares)			Δ %	
	2004	2005	2006	05/04	06/05
Portugal.....	204,7	206,7	198,3	1,0	-4,1
Estrangeiro.....	108,7	140,0	138,7	28,7	-0,9
Países Nórdicos.....	43,1	64,9	58,7	50,7	-9,6
Alemanha.....	16,8	17,0	16,6	1,2	-2,1
E.U.A.....	10,4	11,1	11,9	6,5	7,2
França.....	8,9	7,1	6,6	-20,2	-7,4
Reino Unido.....	6,4	12,3	11,9	92,9	-2,9
Espanha.....	5,8	8,2	7,8	41,6	-5,3
Diversos Países.....	3,5	4,6	5,5	33,0	19,6
Itália.....	3,3	3,0	3,1	-9,3	3,3
Suíça.....	3,2	3,1	2,6	-2,7	-16,1
Canadá.....	3,1	3,5	3,8	12,9	8,6
Holanda.....	2,2	1,9	7,3	-13,2	284,2
Bélgica.....	1,2	1,2	1,0	0,5	-16,7
Brasil.....	1,1	1,2	0,9	10,1	-25,0
Áustria.....	0,9	0,9	1,0	3,9	11,1

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

O crescimento da procura na hotelaria tradicional ao longo do ano de 2006 registou intensidades relativamente maiores nos meses da época alta. Assim o revelam os dados sobre a sazonalidade, em que o respectivo índice de dispersão relativa atingindo 0,51.

## Sazonalidade

## Índice de dispersão relativa\*

	Total	Portugal	Estrangeiro
1999	0,51	0,44	0,70
2000	0,43	0,39	0,53
2001	0,46	0,47	0,49
2002	0,42	0,44	0,40
2003	0,40	0,42	0,40
2004	0,41	0,48	0,38
2005	0,43	0,43	0,45
2006	0,51	0,45	0,56

\* Divisão do desvio padrão pela média da distribuição.

Fonte: SREA, Cálculo a partir de dados das Estatísticas do Turismo.



No ano de 2006, as receitas totais cresceram mais do que as de aposentos, revelando uma oferta de serviços complementares aos de alojamento como fonte significativa de rendimento para as unidades de hotelaria.

O crescimento de 3,2% das receitas de aposentos, em si próprias, ficou a dever-se sobretudo ao volume da procura, já que o preço médio de uma diária (Receitas de aposento / dormidas) cresceu no mesmo período 0,6%.

As despesas com pessoal, por sua vez, registaram uma certa conteno, representando 35,4% das receitas totais em 2006, face a 37,9% no ano anterior. Esta evoluo terá favorecido, logicamente, alguma margem em libertao de recursos financeiros para outras aplicaes.

### Explorao da Hotelaria

#### Receitas e Despesas

Indicadores	Períodos						Δ%				
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	02/01	03/02	04/03	05/04	06/05
Receitas Totais (mil euros) .....	35 115,0	38 027,4	40 331,1	46 970,4	52 952,6	55 954,4	8,3	6,1	16,5	12,7	5,7
Receitas de aposentos (mil euros) ..	25 259,9	27 817,7	28 149,2	32 327,6	37 594,9	38 780,4	10,1	1,2	14,8	16,3	3,2
Despesas com pessoal (mil euros) .....	10 315,0	12 392,6	15 400,0	17 775,7	20 075,0	19 829,1	20,1	24,3	15,4	12,9	-1,2
Desp.com pessoal/Receitas totais (%)	29,4	32,6	38,2	37,8	37,9	35,4	10,9	17,2	-0,9	0,2	-6,5
Receitas aposentos/dormidas (euros) .....	40,6	41,7	43,6	43,1	30,2	30,4	2,7	4,5	-1,0	-30,1	0,6

Fonte: SREA, Estatisticas do Turismo.



## 11. TRANSPORTES

O tráfego de passageiros por via aérea apresenta maior regularidade de evolução, enquanto o do marítimo revela tendência a crescer, mas ainda sem estabilizar, e o dos transportes colectivos terrestres parece situar-se num patamar à volta de 100 mil passageiros - quilómetro.

### Tráfego de Passageiros

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Terrestre (a).	100 123	83 978	99 023	99 805	98 632	101 337	95 225
Marítimo.....	451 746	431 065	456 988	468 986	467 846	461 070	435 525
Aéreo (b) ....	710 165	764 982	776 700	770 767	821 862	839 300	876 027

(a) Passageiros Km – Transportes Colectivos.

(b) Metade dos Movimentos dos Passageiros nos Aeroportos.

Fonte: SREA.

No transporte de passageiros por via aérea, os movimentos inter-ilhas continuam a representar o maior volume de tráfego. Todavia, por exemplo, desde o ano 2000 o tráfego inter-ilhas registou cerca de mais 90 mil movimentos de passageiros, enquanto o exterior (territorial mais internacional) registou cerca de mais 240 mil movimentos.

### Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

	Interno	Territorial	Internacional	Total
2000	739 145	549 447	133 367	1 421 959
2001	781 179	592 163	156 621	1 529 963
2002	767 577	632 812	153 010	1 553 399
2003	751 555	626 404	163 574	1 541 533
2004	804 604	654 588	184 532	1 643 724
2005	786 258	668 890	223 453	1 678 601
2006	827 567	695 955	228 378	1 751 900

Fonte: SREA.

As cargas movimentadas nos portos atingiram em 2006 cerca de 2,9 milhões de toneladas. Em contrapartida o volume das movimentadas nos aeroportos não chega a representar 1% daquelas.

## Cargas Movimentadas

	1997	1998	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Aeroportos	11,9	13,4	14,4	14,0	12,7	13,1	13,3	12,7	13,2	11,9
Portos .....	1 823,5	2 168,3	2 287,7	2 303,5	2 501,8	2 647,9	2 726,9	2 797,1	2 825,6	2 857,5
<b>Total .....</b>	<b>1 835,4</b>	<b>2 181,7</b>	<b>2 302,1</b>	<b>2 317,5</b>	<b>2 514,5</b>	<b>2 661,0</b>	<b>2 740,2</b>	<b>2 809,8</b>	<b>2 838,8</b>	<b>2 869,4</b>

1000 Ton.

Fonte: SREA.

As vendas de automóveis no ano de 2006 situaram-se na ordem de 4,8 milhares de veículos, conforme apuramento estatístico do Serviço Regional de Estatística.

Representando 77% do total, as vendas dos automóveis ligeiros determinaram a evoluo geral, mas foram as vendas de comerciais que registaram um significativo crescimento de 13,7%.

Considerando a evoluo das vendas desde o ano de 2003, os dados relativos ao ano de 2006 integrar-se-o numa tendência de crescimento, que os dados mensais mais recentes do ano de 2007 aparentam dar continuidade.

## Parque Automóvel da R.A.A., por Tipo e por Ano

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Total.....	3 405	5 416	6 028	6 856	6 237	5 707	4 247	4 354	4 784	4 767
Automóveis Ligeiros .....	2 488	4 055	4 679	4 962	4 657	4 174	3 151	3 353	3 806	3 655
Passageiros .....	2 457	3 943	4 638	4 954	4 638	4 164	3 135	3 345	3 799	3 648
Mistos .....	31	112	41	8	19	10	16	8	7	7
Automveis Comercias.....	917	1 361	1 349	1 894	1 580	1 533	1 096	1 001	978	1 112

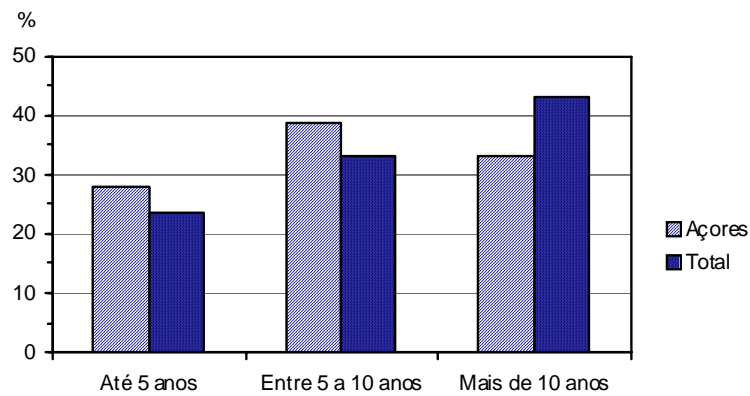
Fonte: SREA, Sries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

Os veículos vendidos ao longo do ano de 2006, a partir do momento de inscrio nos seguros, passaram a fazer parte do parque dos 106 821 veículos registados no fim do ano, em 31 de Dezembro, segundo os dados do Instituto de Seguros de Portugal.

Observando a distribuo deste parque, segundo a idade no contexto português, verifica-se que a classe estatística dos automóveis de 5 a 10

anos  a que regista maior número de veículos nos Açores e  proporcionalmente superior a idêntica classe para o parque automóvel no seu conjunto total. Atendendo que na classe até cinco anos a proporo nos Açores também  proporcionalmente superior  sua correspondente a nível total, pode concluir-se que o parque automóvel seguro nos Açores  relativamente novo em termos da economia portuguesa.

Parque Automóvel Seguro, por classes de idade





## 12. EDUCAÇÃO

Observando a evolução dos dados sobre o ensino não superior nos Açores, verifica-se a tendência de redução do número global de alunos matriculados, ao mesmo tempo que se alarga a capacidade de recursos humanos e materiais de leccionação. Desta forma reduz-se a pressão da procura sobre a oferta de meios, favorecendo-se as condições para o exercício pedagógico nos diversos processos de ensino/aprendizagem.

Efectivamente, a dimensão média das turmas tem tendência a reduzir-se, conforme os rácios alunos por docente e alunos por sala de aula revelam. Além disso, têm decorrido investimentos de expansão e em espaços específicos destinados ao ensino experimental, ao mesmo tempo que se reestrutura o modelo de rede escolar, alterando-se a dimensão média das escolas, que os rácios de número de salas e de alunos por estabelecimento confirmam.

### Ensino Não Superior

#### Ensino Oficial

	1997/98	2005/2006
Alunos .....	55 055	46 706
Docentes.....	4 198	4 968
Salas de aula .....	2 450	2 708
Estabelecimentos .....	484	338
Alunos/Docente.....	13	9
Alunos/Salas .....	22	17
Alunos/Estabelecimento .....	114	138
Salas/Estabelecimento .....	5	8

Fonte: Estatísticas da Educação 1997/1998 e 2005/2006, DRE.

O número de 52 444 matrículas efectuadas no ano lectivo de 2005/2006 inscreve-se na tendência que se tem vindo a observar nos últimos anos.

De facto, como se pode constatar no quadro seguinte, as matrículas no currículo regular continuam a tendência descendente, a via do ensino profissional continua a apresentar uma tendência crescente, sendo

ilustrativo o crescimento registado no ensino oficial através do PROFIJ, de 15% em relação ao ano anterior.

**Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade**  
Ensino Oficial e Particular

Anos Lectivos	Currículo Regular					Programa Cida-dania	Ensino Recor-rente	Programa Opor-tunidade	PROFIJ	Ensino Profis-sional	Total Geral
	Jl	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Sec.						
1995/96	6 819	19 716	9 527	11 419	8 818		2 619			237	59 155
1996/97	7 044	19 191	9 635	11 404	9 114		2 655			383	59 426
1997/98	6 977	18 659	9 523	11 320	9 028		2 728			458	58 693
1998/99	6 803	18 157	9 033	11 274	8 602		2 288		356	627	57 140
1999/00	6 793	17 638	8 730	11 017	8 473		1 633		373	747	55 404
2000/01	7 341	17 254	8 322	11 390	7 613		1 709		318	1 118	55 065
2001/02	7 318	16 448	8 340	10 587	7 342	112	2 292	776	339	1 411	54 965
2002/03	7 634	16 292	7 993	10 337	6 936	111	1 675	815	330	1 971	54 094
2003/04	7 710	16 125	8 007	9 517	6 831	52	1 026	1 151	917	2 358	53 244
2004/05	8 121	15 926	7 809	9 359	6 504	60	941	1 117	1 220	2 391	53 448
2005/06	7 894	15 389	7 471	9 160	6 266	37	814	1 126	1 403	2 884	52 444

Nota: Não foram incluídas as matrículas em creches, uma vez que as mesmas só começaram a ser consideradas, apenas, nos últimos três anos lectivos.

Fonte: Direcção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

A escolarização apresenta valores crescentes na quase totalidade das idades consideradas. Este aumento é mais significativo nas idades da Educação Pré-Escolar e a partir dos 14 anos. Da observação da evolução destas taxas, verifica-se um alargamento do leque de idades com taxas dos 100%, presentemente representativas das idades de escolaridade obrigatória.



## Taxas de Escolarizao por Idades e Anos Lectivos\*

%

IDADES	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06
3 anos.....	40,3	44,2	46,6	50,8	49,7
4 anos.....	73,3	78,2	74,2	85,9	82,2
5 anos.....	100,0	100,0	100,0	99,6	100,0
6 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos.....	97,5	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos.....	97,5	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos.....	93,4	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos.....	92,5	100,0	98,3	100,0	100,0
15 anos.....	81,7	86,7	86,0	87,2	92,0
16 anos.....	71,9	72,1	73,7	77,6	81,0
17 anos.....	58,4	62,3	60,2	65,6	69,6
18 anos.....	40,5	42,4	40,2	39,3	44,6
19 anos.....	25,1	25,9	26,4	25,0	27,1

Fonte: Direco Regional da Educao - Estatisticas da Educao.

Confirmando um maior aproveitamento escolar nos ciclos do ensino geral e obrigatrio do que no secundrio, a taxa de transio/aprovao situa-se  volta de 90% naqueles ciclos e de 50% no último.

**Aproveitamento Escolar nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade (a)**  
**Taxas de Transio**  
 Ensino Oficial e Particular

Ano de Escolaridade	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
4º (1).....	81,1	85,3	82,8	85,3	87,0	94,9
6º (2).....	80,3	75,1	75,9	77,1	79,6	90,3
9º (3).....	80,4	71,4	73,2	74,9	78,0	87,0
12º (4).....	41,9	49,4	45,5	44,6	54,1	50,5

a) Não Inclui o Ensino Profissional nem o Ensino Recorrente.

1) Ano terminal do 1º Ciclo do Ensino Básico.

2) Ano terminal do 2º Ciclo do Ensino Básico.

3) Ano terminal do 3º Ciclo do Ensino Básico.

4) Ano terminal do Ensino Secundário.

Fonte: Direco Regional da Educao - Estatisticas da Educao.



## 13. DESPORTO

Os indicadores da Direcção Regional do Desporto abrangem aspectos de estruturas, de práticas e de desenvolvimentos desportivos. Genericamente, os dados apontam para uma certa relação entre os elementos que dão corpo às diversas modalidades e, também, para certas características e situações mais específicas de uma dada modalidade.

## Indicadores – 2006

	Atletas	Técnicos	Árbitros/ Juizes	Dirigentes/ outros agentes	Clubes/ Entidades	Equipas/ Grupos Praticantes	Nº jogos provas locais	Nº Part. provas regionais	Nº Part. provas nacionais	Nº acções de formação ag.desp. não prat.	Nº acções de formação agen.desp. prat.
Andebol .....	978	40	30	61	14	68	327	408	108	1	8
Asa Delta .....											
Atletismo .....	966	44	175	35	23	43	773	340	282	5	22
Automobilismo .....	252				4					1	
Badminton .....	98	8	0	6	5	3				0	
Basquetebol .....	1 420	70	135	66	15	115	619	410	270	47	20
Bowling .....	153										
Bridge .....	32	5	4	13	1	1				2	
Canoagem .....	63	7	6	1	4	1	43	88	6	0	
Ciclismo .....	42	0	0	0	3	2				0	
Columbofilia .....	28				1	2		12		0	
Cor. em Patins .....	71	13	38	16	3	1	67	59	99	0	1
Equitação .....	232	5	7	0	5	3	50	43	0	0	
Esgrima .....	19	6	1	2	1	0				0	
Futebol 11 .....	4 954	204	126	775	64	231	2 945	848	608	19	17
Futsal .....	974	26	42	223	38	68	790	48	0		
Gin. Rítmica Desp. ....	92	3	11	5	1	7	36	110	13	3	1
Ginástica Aeróbica ....	127	1	9	0	3	9	9	127	51	6	
Golfe .....	420	2	1	16	2	35	374	328	60	4	2
Hóquei em Patins .....	290	17	13	26	6	28	198	120	90	0	3
Jetski .....	117				1	9				0	
Judo .....	947	41	59	38	12	54	102	134	205	13	7
Karaté .....	644	30	55	19	17	24	165	159	74	17	4
Kickboxing/Full-C. ....	581	18	26	32	11	30	118	67	40	5	4
Motociclismo .....	64	0	2	2	4		4	182	51	1	2
Natação .....	449	11	59	6	6	25	62	450	39	6	
Patinagem .....	206	21	21	31	7	7	23	102	22	3	1
Pesca Desportiva .....	30	0	0	0	2	2				0	
Ténis .....	1 082	18	9	20	6	90	91	360	215	4	1
Ténis de Mesa .....	1 349	53	47	50	24	72	1 009	158	76	7	3
Tiro .....	173	0	0	0	7	14	52	73	60	0	
Tiro com arco .....	30	3	0	0	1	0				0	
Tiro de Precisão .....	130	8	8	0	4	10	0	88	14	2	
Trampolins .....	42	2	8	2	1	2	13	68	13	3	
Triatlo .....	13	1		4	2	0	17	9	8	0	
Vela .....	404	35	30	15	13	16	26	324	61	2	
Voleibol .....	2 456	110	55	68	26	204	1 150	943	243	37	7
Voleibol de Praia .....	34						196	0	0	0	
Xadrez .....	59	4	3	10	5	2	0	33	10	0	
<b>TOTAL .....</b>	<b>20 021</b>	<b>806</b>	<b>980</b>	<b>1 542</b>	<b>342</b>	<b>1 178</b>	<b>9 259</b>	<b>6 091</b>	<b>2 718</b>	<b>188</b>	<b>103</b>

Fonte: Direcção Regional do Desporto.

Efectivamente, parece haver um certo paralelismo em termos de dimensão e organização de estruturas, em termos de jogos e provas praticados e, também, em termos de acções de formação desenvolvidas. Concretizando, há modalidades com significativas estruturas associativas, dirigentes e técnicas para suporte às práticas desportivas, enquanto noutras a sua actividade decorrerá mais de iniciativas individuais e de apoios de organização pontual; como exemplos próximos destas duas situações limite destacam-se o do futebol de onze e o do voleibol de praia, respectivamente.

No que respeita às características e situações mais específicas por modalidade, notam-se diferenças que podem resultar da própria natureza, do enquadramento técnico e das acções com vista ao desenvolvimento em cada uma delas. A modalidade de futebol de onze, por exemplo, registou 4 954 atletas e 775 dirigentes, atingindo, respectivamente, 24,7% e 50,3% do total; todavia, na mesma modalidade, as 19 acções de formação para agentes desportivos não praticantes corresponderam apenas a 10,2% do total.

Segundo os dados publicados pelo INE sobre o desporto, o número de praticantes inscritos nos Açores em 2005 ascendeu a 18,4 milhares, representando 4.1% no conjunto do país.

A distribuição dos praticantes segundo as modalidades revela novamente o predomínio do futebol com 5,7 mil inscritos.

As outras modalidades ainda com preferência significativa, admitindo como tal as com mais de mil elementos inscritos (voleibol, basquetebol, ténis de mesa, andebol e ténis), apresentam um traço basicamente comum a todas, o da utilização de recintos cobertos para a sua prática.

Entre as modalidades com um número de elementos inscritos mais reduzido, algumas atingem certa representatividade no contexto nacional, como é o caso da vela com 303 inscritos que representam 11,4% do total da modalidade no país, bastante superior à média global de todas as modalidades de 4,1%.

## Número de praticantes inscritos nas Federações Desportivas

	Portugal	Açores
<b>Total .....</b>	<b>449 543</b>	<b>18 485</b>
Futebol .....	131 835	5 749
Andebol .....	30 760	1 120
Voleibol .....	27 740	1 999
Columbofilia.....	17 777	55
Basquetebol.....	17 694	1 383
Golfe .....	15 852	631
Ténis.....	14 175	1 020
Karaté .....	14 070	566
Ginástica .....	13 535	123
Judo .....	11 588	863
Atletismo.....	10 760	868
Patinagem.....	9 976	535
Natação .....	7 284	325
Tiro.....	5 057	116
Ciclismo .....	4 210	11
Ténis de mesa .....	3 975	1 271
Pesca desportiva .....	3 757	23
Automobilismo.....	3 100	224
Vela .....	2 664	303
Rugby.....	2 543	0
Outros.....	101 191	1 300

Fonte: INE, Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio.

No futebol federado, o total dos 5,7 milhares de inscritos encontra-se distribuído pelos diversos escalões, desde os das escolas e infantis até aos juniores e seniores, de forma significativa em termos de representatividade proporcional no contexto do país.

## Atletas inscritos em futebol federado, segundo escalões

	Total	Senior	Junior	Juvenis	Iniciados	Infantis	Escolas
Portugal.....	131 835	38 923	18 489	19 817	19 960	18 490	16 156
Açores .....	5 749	1 550	688	877	855	919	860

Fonte: INE, Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio.

Em relação aos árbitros de futebol, os quadros nacionais contavam em 2005 com seis inscrições num total de 482.

As actividades da delegação do INATEL nos Açores envolveu 11,7 milhares de participantes, uns em modalidades mais organizadas em provas e actividades básicas, outros em actividades desportivas “para todos” e de aventura/natureza, onde o mesmo indivíduo pode inscrever-se e participar em diversas, sendo contado estatisticamente mais do que uma vez.

**Número de praticantes, INATEL**

	Portugal	Açores
Provas regulamentares .....	31 370	1 982
Actividades básicas .....	14 369	404
Desporto para todos .....	126 805	8 965
Desporto aventura / natureza .....	45 470	366
Total .....	218 014	11 717

Fonte: INE, Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio.

## 14. CULTURA

O número total de visitas aos museus aproxima-se de uma ordem de grandeza de uma centena de milhar de entradas, apresentando diversos elementos de estruturação interna.

Do ponto de vista da residência dos visitantes, cerca de dois terços são nacionais, mas a representatividade de estrangeiros revela sinais de uma certa progressão.

Do ponto de vista da forma de acesso, o volume das visitas de estudo revela aparentemente maior proporcionalidade à dimensão da ilha onde se localiza o museu, enquanto as visitas pagas se distinguem sobretudo pelo volume atingido, mais de metade do total em 2006.

### Entradas nos Museus

MUSEUS	ENTRADAS segundo a forma				ENTRADAS segundo a residência		
	PAGAS	ESTUDO	ISENTAS	TOTAL	NACIONAIS	ESTRANGEIRO	TOTAIS
Flores.....	1 054	218	394	1 666	1 162	504	1 666
Horta.....	6 762	207	2 660	9 629	6 703	2 926	9 629
Museus do Pico.....	23 762	1 003	9 666	34 431	23 658	10 773	34 431
São Jorge.....	106	1 452	760	2 318	2 091	227	2 318
Graciosa.....	703	2 738	9 350	12 791	12 580	211	12 791
Angra do Heroísmo....	3 455	2 445	2 266	8 166	6 943	1 223	8 166
Carlos Machado.....	14 548	3 871	7 998	26 417	13 698	12 719	26 417
Santa Maria.....	717	319	259	1 295	1 143	152	1 295
<b>TOTAIS.....</b>	<b>51 107</b>	<b>12 253</b>	<b>33 353</b>	<b>96 713</b>	<b>67 978</b>	<b>28 735</b>	<b>96 713</b>

Fonte: Direcção Regional da Cultura.

O movimento anual das bibliotecas públicas e arquivos regionais de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta registou um total de cerca de noventa milhares de leitores, dos quais cerca de metade consultará uma publicação cada um e os outros consultarão em média duas publicações cada um.

### Movimento das bibliotecas públicas e arquivos

	Ponta Delgada	Angra do Heroísmo	Horta	Total
Leitores .....	59 397	21 647	9 711	90 755
Documentos.....	87 930	34 089	14 618	136 637

Fonte: Direcção Regional da Cultura.

No ano de 2006, as entidades existentes correspondiam a 105 filarmónicas, 70 grupos de folclore, 69 grupos de teatro, 18 coros e 10 galerias de artes plásticas.



## 15. SAÚDE

A evolução dos serviços oferecidos pelo sistema de saúde ao longo do ano de 2006 foi favorável às condições de atendimento aos pacientes nos diversos actos clínicos. Mais explicitamente, o crescimento dos meios oferecidos, em termos de diagnósticos, de terapêuticas e do número de profissionais em exercício, foi superior ao dos próprios actos clínicos medidos em termos de consultas, urgências e internamentos. Os actos de internamento registaram mesmo um decréscimo absoluto em relação ao ano anterior.

Ao nível da profilaxia/vacinas, orientada particularmente para a prevenção de doenças em bebés e crianças, registou-se uma evolução logicamente influenciada pela da natalidade nos Açores.

Os serviços de consulta têm registado, nos últimos anos, uma procura mais expressiva do que os de urgência. Esta evolução terá sido mais significativa no âmbito dos hospitais do que no dos centros de saúde mas, mais recentemente, surgem indícios de também abranger os referidos centros.

### Consultas e Urgências

	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Consultas</b> .....	427 901	464 368	473 958	481 555	507 715
Centros de Saúde .....	267 467	292 363	286 350	291 897	313 939
Hospitais.....	160 434	172 005	187 608	189 658	193 775
<b>Urgências</b> .....	443 163	438 718	423 607	432 357	419 259
Centros de Saúde .....	281 541	279 424	270 304	277 797	262 208
Hospitais .....	161 622	159 294	153 303	154 560	157 051

Fonte: Direcção Regional de Saúde, DREPA.

Em 2006, o número de doentes saídos foi menor do que o do ano anterior mas, por outro lado, estiveram internados mais dias, implicando uma demora média maior. Atendendo que a capacidade em termos de lotação foi sensivelmente a mesma, a respectiva taxa de ocupação também foi maior na mesma proporção.

## Internamento

	2002	2003	2004	2005	2006
Doentes saídos.....	28 460	28 531	27 704	27 372	26 870
Dias de internamento .....	218 713	220 562	211 743	207 901	211 997
Lotao.....	964	977	972	988	989
Demora média (dias).....	7,7	7,7	7,7	7,6	7,9
Taxa de ocupao (%).....	62,2	61,9	59,7	57,7	58,7

Fonte: Direco Regional de Saúde.

Os meios complementares de diagnóstico totalizaram cerca de 2,9 milhões de exames e análises. Os meios complementares de terapêutica correspondem a mais de quatrocentos mil actos.

## Meios Complementares

	2002	2003	2004	2005	2006
Diagnóstico .....	2 197 880	2 360 416	2 689 171	2 734 950	2 879 754
Terapêutica .....	310 631	346 769	364 377	424 525	461 800
<b>Total .....</b>	<b>2 508 511</b>	<b>2 707 185</b>	<b>3 053 048</b>	<b>3 159 475</b>	<b>3 341 554</b>

Fonte: Direco Regional de Saúde.

O pessoal em actividade nos serviços dos hospitais e dos centros de saúde, durante o ano de 2006, atingiu o total de 4315 profissionais. A evoluo geral tem registado um alargamento efectivo de quadros, destacando-se um certo reforço de médicos, enfermeiros e técnicos de diagnóstico e terapêutica.

## Pessoal

	2002	2003	2004	2005	2006
Médicos.....	435	466	465	506	510
Enfermeiros.....	1 011	1 013	1 036	1 095	1 212
Técnicos de diagnóstico e terapêutica.....	203	202	212	216	226
Outro pessoal .....	2.417	2 358	2 386	2 397	2 367
<b>Total .....</b>	<b>4 066</b>	<b>4 039</b>	<b>4 099</b>	<b>4 214</b>	<b>4 315</b>

Fonte: Direco Regional de Saúde.

A rede regional de saúde compreende 3 hospitais, 16 centros de saúde, 88 unidade de saúde e 33 postos de enfermagem. Em 2006 estavam também em actividade 47 farmácias.

#### Equipamentos de saúde

	2005	2006
Hospitais .....	3	3
Centros de saúde .....	16	16
Unidade de saúde .....	90	88
Postos de enfermagem .....	33	33
Farmácias .....	46	47

Fonte: Direcção Regional de Saúde.



## 16. SEGURANÇA SOCIAL

O número total de pensionistas abrangidos pela segurança social nos Açores situa-se na ordem de 50 milhares, havendo cerca de metade que recebem pensões em vida por velhice e em substituição de retribuições do trabalho, cerca de 30% pensões por sobrevivência e os restantes 20% por invalidez em acidente ou de doença, antes de atingir a idade de reforma por velhice.

### Pensionistas da Segurança Social

	Pensionistas (Total)	Pensionistas		
		Por Velhice	Por Invalidez	Por Sobrevivência
2000	37 396	18 812	6 932	11 652
2001	46 162	24 238	8 466	13 458
2002	47 657	24 806	8 729	14 122
2003	47 531	24 539	8 777	14 215
2004	48 372	24 722	9 228	14 422
2005	48 593	24 900	9 077	14 616
2006	51 137	26 294	9 208	15 635

Fonte: C.G.F.S.S.

No ano de 2006, o total de receitas registadas pelo Centro de Gestão Financeira da Segurança Social atingiu cerca de 182,2 milhões de euros, o que representa um crescimento de 10,4% em relação ao ano anterior.

Por outro lado, as despesas decresceram, mesmo em termos nominais, registando uma taxa média anual de -7,0%. Este decréscimo das despesas totais foi possível, apesar das responsabilidades com as prestações dos regimes e as de acção social, pela redução na rubrica de despesas de administração e outras.

Desta forma o encerramento de contas registou um saldo positivo, das receitas globais em relação às respectivas despesas, de cerca de 43,8 milhões de euros. Se se considerar apenas as receitas directas das contribuições em relação às respectivas despesas com as prestações sociais dos regimes, o saldo atinge 107,5 milhões de euros.

## Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>Receitas</b> .....	<b>127 813</b>	<b>140 250</b>	<b>149 548</b>	<b>154 630</b>	<b>165 029</b>	<b>182 198</b>
Contribuies.....	126 479	136 353	145 459	150 863	161 801	175 178
Rendimentos.....	1 144	550	485	339	651	2 478
Outras.....	190	3 346	3 604	3 428	2 577	4 542
<b>Despesas</b> .....	<b>106 066</b>	<b>109 348</b>	<b>117 037</b>	<b>127 129</b>	<b>148 808</b>	<b>138 424</b>
Prestaces dos regimes ...	49 459	51 784	55 510	59 690	65 100	67 694
Aco Social.....	29 572	23 925	24 815	27 466	31 300	38 619
Administração e outras....	27 035	33 639	36 713	39 973	52 408	32 111
<b>Saldo (Receitas - Despesas)</b>	<b>21 747</b>	<b>30 902</b>	<b>32 510</b>	<b>27 501</b>	<b>16 221</b>	<b>43 774</b>
<b>Saldo (Contrib. Prestaces).</b>	<b>77 020</b>	<b>84 570</b>	<b>89 949</b>	<b>91 174</b>	<b>96 701</b>	<b>107 484</b>

Fonte: CGFSS.

A evolução nas prestações sociais foi condicionada, logicamente, pelas três parcelas mais expressivas: a da População Activa, onde predominam as despesas com subsídios ao desemprego e na doença, a da Infância e Juventude, onde se destacam os abonos de família, e a da Família e Comunidade, onde ao peso da despesa com o rendimento social de reinserção se junta despesas com pensões.

## Despesas – Prestaces dos Regimes

1 000 Euros

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Infância e Juventude.....	15 108	16 221	16 491	18 377	18 372	18 758
População Activa.....	18 084	18 502	22 675	23 634	27 372	31 138
Família e Comunidade.....	2 036	14 007	13 828	15 292	16 731	15 150
Invalidez e Reabilitaco.....	4 159	1 049	994	851	683	1 063
Terceira Idade.....	10 071	2 005	1 522	1 536	1 941	1 585
<b>Total</b> .....	<b>49 459</b>	<b>51 784</b>	<b>55 510</b>	<b>59 690</b>	<b>65 100</b>	<b>67 694</b>

Fonte: CGFSS.

A acção social destina-se a prevenir situações de maior carência e apoiar pessoas e grupos sociais mais vulneráveis, orientando-se para os grupos etários mais jovens ou, então, para os mais idosos e, conseqüentemente,

não abrangendo a faixa de população em idade activa. O montante total de despesa efectuada em 2006 somou 38,6 milhões de euros.

### Despesas – Acção Social

1 000 Euros

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Infância e Juventude.....	13 154	13 419	13 279	14 626	16 304	19 967
Família e Comunidade .....	7 625	1 509	1 660	1 510	2 631	5 015
Invalidez e Reabilitação .....	1 821	2 128	2 343	2 857	3 199	3 600
Terceira Idade .....	6 972	6 869	7 534	8 472	9 167	10 037
<b>Total.....</b>	<b>29 572</b>	<b>23 925</b>	<b>24 815</b>	<b>27 466</b>	<b>31 300</b>	<b>38 619</b>

Fonte: CGFSS.





## 17. SOCIEDADE DA INFORMAO

A partir do relatório "A Sociedade da Informaco em Portugal 2006", e de quadros estatísticos mais recentes, foram actualizados nesta Situaco Socioeconmica, os dados relativos à utilizaco de Tecnologias de Informaco e Comunicao nas Famílias, nos Hospitais e na Administrao Pública Regional.

### Famílias

Nos Açores a posse de computador e a ligaco à internet a partir dos agregados domésticos encontram-se numa fase de crescimento significativo, em termos dos níveis de intensidade de variao média atingidos anualmente, face aos das diversas actividades econmicas em geral.

#### Posse de Computador e Ligaco à Internet pelos agregados domésticos – R.A.A.

Unidade: %

	Anos					Δ			
	2002	2003	2004	2005	2006	03/02	04/03	05/04	06/05
Posse de computador.	24,0	32,0	35,8	41,0	45,0	8,0	3,8	5,2	4,0
Ligaco à Internet .....	17,0	22,0	31,3	37,4	38,0	5,0	9,3	6,1	0,6

Fonte: INE; UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP.

Com esta evoluo observada nos últimos anos atingiu-se uma cobertura regional comparável à registada no conjunto do país. De facto, em 2006, a posse de computador nos Açores regista uma proporo idêntica à observada ao nível do conjunto das regiões do país (45%) e a ligaco à internet regista uma proporo com 38%, comparando-se aos 35% registados no geral.

Contudo, em relao aos níveis de cobertura média nos países da EU verifica-se uma margem de crescimento expressiva, atendendo que nesses países a utilizaco de tecnologias idênticas por parte dos respectivos agregados domésticos parte de um limite mínimo de cerca de metade até ao de dois terços.

**Posse de Computador e Ligaco à Internet pelos  
Agregados Domésticos, 2006**

Unidade: %

	Açores	Portugal	UE	
			25	15
Posse de computador.....	45	45	62	64
Ligaco à Internet .....	38	35	52	54

Fonte: INE: A Sociedade da Informaco em Portugal, 2006.

Na ptica dos utilizadores, constata-se que, 35,0% dos indivíduos utilizaram o computador e 28,0% acederam à Internet. Maioritariamente serão os grupos etários mais jovens a utilizar estas tecnologias, sendo a proporo de homens superior à de mulheres. A utilizao de computador e da Internet variar na razão directa do nível de instruo: a proporo de utilizadores será superior nos indivíduos que possuem o ensino superior e secundário em relao aos indivíduos que possuem até ao 3.º ciclo básico.

Serão os estudantes e os empregados, os grupos mais utilizadores do computador e da Internet. As competências adquiridas ao nível da utilizao de computador e de Internet serão, maioritariamente, devidas a processos de auto - aprendizagem.

A comunicao e pesquisa de informao serão as actividades mais frequentes no uso da Internet. Quanto ao recurso às TIC para encomendar e/ou comprar produtos e serviços, a maioria dos utilizadores, permanecerá pouco receptiva a esta modalidade alternativa ao comércio tradicional.

**Utilizao de Computador e de Internet pelos Indivíduos - R.A.A.**

Unidade: %

	Anos				Δ		
	2003	2004	2005	2006	04/03	05/04	06/05
Utilizao de Computador.....	29,0	31,1	33,4	35,0	2,1	2,3	1,6
Utilizao de Internet .....	20,0	22,5	26,3	28,0	2,5	3,8	1,7

Fonte: INE; UMIC - Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP.

Em termos nacionais, a Região Autnoma dos Açores regista, em 2006, no que se refere à posse de computador e Internet, valores próximos da média nacional, chegando, inclusivamente, a par de Lisboa e Vale do

Tejo, a ultrapassar a média nacional quanto ao acesso à Internet em casa (38,0% na Região Autónoma dos Açores, 35,0% para Portugal). Porém, embora apresente níveis de acesso à Internet elevados na óptica dos agregados, revela-se, à semelhança de outros anos, como a região onde a utilização de Internet pelos indivíduos é menos expressiva (28,0%, 36% para Portugal). O mesmo se passa em relação ao computador, os Açores é das regiões onde a proporção de utilizadores é menor face à média nacional, isto é, 35,0% face a 42,0% para Portugal.

## **Empresas**

Na última década, as empresas têm manifestado uma crescente consciencialização para a importância do desenvolvimento tecnológico para o aumento da competitividade das mesmas, como revelam os dados obtidos no Inquérito à Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação das Empresas de 2005.

Praticamente todas as empresas inquiridas utilizaram computador, e-mail e Internet, sendo mais preponderante nas médias empresas em relação às aquelas com 10 e menos trabalhadores. A posse de Website é, entre as tecnologias analisadas, a que revela um menor nível de posse na generalidade das empresas.

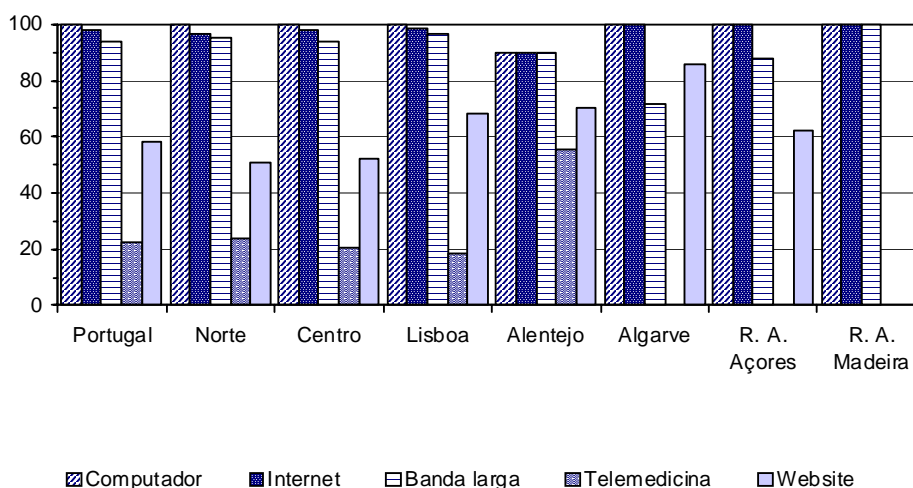
Relativamente à utilização da Internet, constatou-se que as empresas utilizaram a Internet, sobretudo, para interagir com organismos, entidades e autoridades públicas, com a finalidade de obter informações e obter, preencher e submeter formulários e/ou impressos on-line.

## **Hospitais**

Segundo os últimos dados disponíveis, do Inquérito "Utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Hospitais de 2006", a disponibilização de computadores com ligação à "Internet" e banda larga encontra-se generalizada nos hospitais portugueses, incluindo os da Região. Já em relação à telemedicina e "Website" existe uma maior variabilidade.

Equipamentos e serviços de índole geral como “software” anti-vírus garantem uma cobertura praticamente total, enquanto outros mais específicos, como filtros anti-spam, têm cobertura que variam entre metade a três quartos do total.

Utilização de TICs nos Hospitais, 2006



Fonte: INE/UMIC, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nos Hospitais 2006.

### Administração Pública Regional

Segundo os últimos dados disponíveis, 100% dos organismos da Administração Pública Regional dispõem de ligação à Internet e 88% desses organismos têm uma política de disponibilização do acesso à Internet a todos os trabalhadores, correspondendo a um acréscimo em 13% desde o ano de 2004.

As actividades que os organismos desenvolvem utilizando mais frequentemente a Internet são a procura e recolha de informação/documentação (78%), acesso a base de dados (45%) e comunicação externa com outros organismos da Administração Pública (43%).

A maioria dos organismos da Administração Pública dos Açores tem presença na Internet (90%), verificando-se um acréscimo de 22%. Os

serviços que os organismos mais disponibilizam no Website são: Informaco institucional acerca do Organismo (94%), endereço electrónico para recepo de mensagens ou pedidos de informaco (94%) e informaco acerca dos serviços prestados (92%).

**Síntese dos Principais Indicadores das TIC's na  
Administrao Pública Regional dos Açores**

Unidade: %

	2004	2006	Δ
Organismos que dispõem de ligao à Internet.....	97	100	3
Organismos que dispõem de uma velocidade de ligao à Internet superior a 512 Kbps .....	29	55	6
Organismos que dispõem de correio electrónico.....	94	98	4
Organismos com presença na Internet .....	68	90	22
Organismos que têm uma política de disponibilizao do acesso à Internet a todos os trabalhadores .....	75	88	13
Organismos que realizam compras de bens e/ou serviços através da Internet.....	18	15	-3

Fonte: INE; UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP.

